

Pela Banda do Ribeirão

Artur Hugo da Rosa



Músicos da Banda da Lapa, familiares e amigos, por volta do ano de 1928.
Fonte: arquivo pessoal de Alécio Heidenreich e digitalização por Daniel Choma.



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro Tecnológico - CTC
Departamento de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho de Conclusão de Curso

Pela Banda do Ribeirão

Artur Hugo da Rosa

Ilha de Santa Catarina
2019

Na tuba, o Vitamina (Vilmar Silva), nas ruas do Saco dos Limões com a Banda do Zé Pereira. Década de 1960. Acervo da Banda da Lapa e digitalização por Daniel Choma.



(a)



(b)

(a) Foto do evento de comemoração pelo centenário da Banda da Lapa, em 1996.
(b) Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, na Costa da Lagoa.

Fontes: arquivo pessoal de Arnaldo Feliciano, acervo Banda da Lapa e digitalizações por Daniel Choma.

Orientador: Prof. Dalmo Vieira Filho

Coorientador: Prof. Luiz Eduardo
Fontoura Teixeira

Seu Agenor e seu apito. Nas ruas do Saco dos Limões com a Banda do Zé Pereira. Década de 1960. Acervo da Banda da Lapa. e Digitalização por Daniel Choma.

Ilha de Santa Catarina
2019





Floripa instrumental de 2018.

Fonte: acervo Banda da Lapa

O sentido da vida é tocar

Dominginhos

sumário

1. Apresentação e objetivos	
2. Introdução	
	2.1 A cidade contemporânea
	2.2 O espaço, a paisagem e o lugar
	2.3 Patrimônio cultural
3. O método	
4. A imigração açoriana	
5. As freguesias	
6. O Ribeirão da Ilha	
7. O Ribeirão e suas Bandas Por Seu Alécio Heidenreich	
	8. A Banda da Lapa
	8.1 A prática no espaço e a resignificação do lugar
	8.2 A Banda no espaço público
	8.3 A Banda e a Igreja
	8.4 A Banda e o Carnaval
	8.5 A Banda e a música da ilha
	8.6 A Banda e a comunidade
	9. Considerações finais
	9.1 O lugar e a Banda
	9.2 Potencial patrimônio cultural imaterial do município
	10. Referências
	10.1 Bibliográficas
	10.2 Entrevistas
	10.3 Sites
	11. Anexos
	11.1 Entrevistas na íntegra

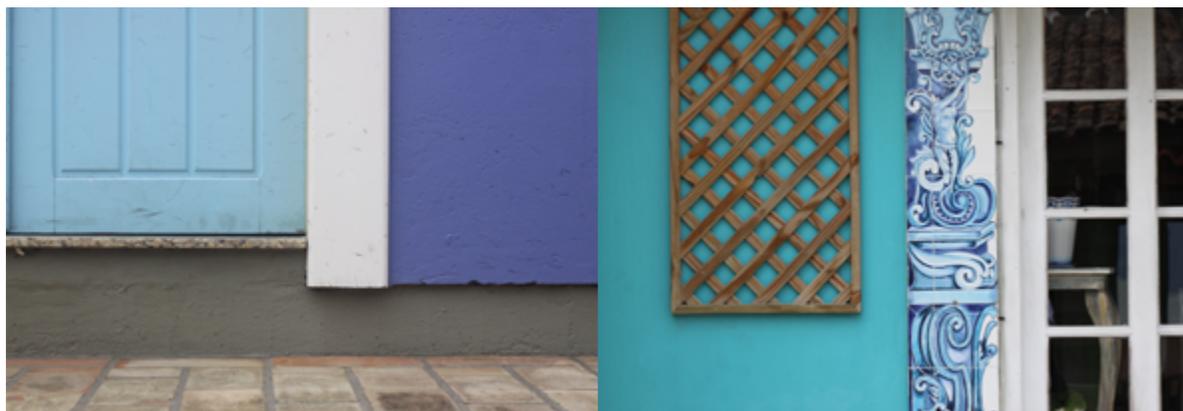
1. apresentação e objetivos

A colonização açoriana trouxe diversos aspectos culturais para as freguesias da Ilha de Santa Catarina. Assim, a implantação geográfica das freguesias mais a população de imigrantes nos rendeu uma rica identidade cultural, que somada à entidade - objeto de estudo desta pesquisa - nos mostra a importância destes elementos como patrimônio cultural. Porém, antes de situar o objeto, tratarei de alguns conceitos que influenciam diretamente na compreensão do assunto: a cidade contemporânea, espaço, paisagem, lugar e patrimônio cultural. O estudo foi dirigido em três escalas. Na primeira, sobre a imigração açoriana no Ribeirão da Ilha. Na segunda escala, o foco será a freguesia. A partir disso, verifiquei a importância da entidade ligada às práticas da comunidade, que é a terceira escala, ligada as pessoas.

O objetivo é verificar a importância dessa instituição como patrimônio imaterial, com base nos conceitos citados anteriormente, já que em seu núcleo há uma sobreposição de tempos históricos, evidentes influenciadores de traçados culturais. A entidade escolhida é extremamente ligada à dinâmica social do bairro e se chama Sociedade Musical Recreativa Lapa.

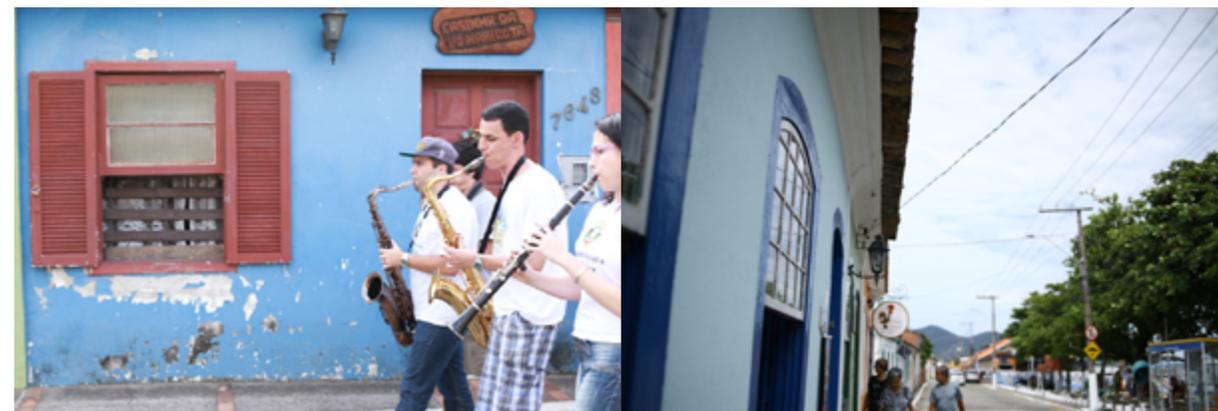
Como método utilizei história oral, realizando cinco entrevistas com moradores e, acima de tudo, produtores da cultura que permeia tanto o Ribeirão como a entidade escolhida. A leitura e análise de documentos, como fotos históricas, livros e textos escritos pelos entrevistados também fizeram parte do método. Para ilustrar e entender as práticas do objeto no espaço público, foram feitos croquis a partir de fotos, a fim de explicitar os dois planos banda-paisagem, incluindo de urbana ao natural.

A Banda da Lapa, como é conhecida, é analisada neste trabalho a partir de cinco grandes faces. Começando com a interface pública, sua prática e suas relações com o lugar. A partir disso, ramifico em suas ligações com a Igreja, o carnaval, a comunidade e a música ilhoa. Terminando a parte teórica numa breve justificativa para registro desta entidade centenária como patrimônio imaterial de Florianópolis.



(a)

(b)



(c)

(d)

- (a) Detalhes arquitetônicos, texturas e matérias. Acervo pessoal
(b) Elementos decorativos de fachada. Acervo pessoal
(c) A Banda, por volta de 2013, tocando na rua. Foto de Daniel Choma
(d) O espaço público do Ribeirão. Foto de Carolina Arruda

2. introdução

2.1 a cidade contemporânea

A pós modernidade teve como marco o fim de um ideal único e universal. Houve uma grande mudança de papéis na sociedade. Mudanças de realidades, culturas diversificadas e igualdade nas diferenças. A cidade contemporânea é em sua essência plural. Comportamos em nossas cidades variadas culturas que exprimem os valores de nossos espaços públicos. Esse reflexo cultural no espaço público de cada bairro exprime as culturas que neles habitam, seus imaginários, suas crenças, suas músicas, seus alimentos, suas maneiras de se relacionar no espaço e suas capacidades de expressão e criação (MONTANER; MUXI, 2014).

Além disso, a organização da sociedade, para tornar possível a vida na pólis, dá lugar a instituições e a organizações políticas que se expressam mediante edifícios. A filosofia chamada de “pós-moderna” acredita que o tecido urbano é portanto uma união de diversas correntes e assim a arquitetura deve ser sensível às tradições locais, que traduz em suas formas e espaços a individualidade de cada local (HARVEY, 1992). Para tanto,



A apropriação do espaço público nas ruas da Freguesia. Foto: Carolina Arruda

as ruas e praças, escolas e edifícios públicos devem facilitar essa expressividade e inter-relação da comunidade.

2.2 o espaço, a paisagem e o lugar

Ao trabalharmos com cultura no espaço público, devemos antes, discorrer sobre alguns conceitos que nos auxiliam na compreensão do que é o patrimônio cultural e como esse termo se apoia nos significados de lugar, espaço e paisagem.

O espaço está intrinsecamente ligado ao tempo. Não há espaço sem tempo. O que existe diante de nós é o espaço do agora, também chamado de atualidade. A atualidade tem dupla dimensão: temporal e espacial. O que vemos hoje são acúmulos históricos de atualidades do passado. Isto é, segundo Milton Santos (2012):

“O passado passou, e só o presente é real, mas a atualidade do espaço tem isto de singular: ela é formada de momentos que foram, estando agora cristalizados como objetos geográficos atuais.” (SANTOS, 2012, p.14)

Logo, estes objetos geográficos tiveram seu tempo-espaço no passado e hoje abrigam a essência de um fragmento histórico temporal, porém não mais espacial. Isto acontece porque o momento passado está morto como tempo. O passado já não é e nem voltará a ser. Não obstante, o espaço o é. O espaço é concreto e sempre participa da vida atual, com mudanças con-dizentes ao nosso tempo presente (SANTOS, 2012).

Após dissociarmos o espaço do tempo e sedimentar o conceito de o que é a atualidade, podemos direcionar uma ideia ao espaço. No entanto, antes devemos falar sobre o que é a paisagem. A geografia clássica define a paisagem como uma combinação de objetos naturais e objetos fabricados pelo homem, que também são chamados de objetos sociais (SANTOS, 2012). A paisagem se torna então um resultado de uma acumulação de atividades de gerações passadas somadas ao ambiente natural de onde vivem.

Ao tangenciar o conceito de paisagem, nos deparamos que o espaço é social. Como toda realidade que é social, podemos metodologicamente e teoricamente definir for-

-malmente, estruturalmente e funcionalmente o espaço (LEFÉBRE, 1974 apud Santos, 2012). A interpretação do espaço social há de ser, sobretudo, global, de modo a gerar uma totalidade. Milton Santos (2012), de novo nos ajuda:

“A noção de tempo é fundamental. A sociedade é atual, mas a paisagem, pelas suas formas, é composta de atualidades de hoje e do passado. A noção de escala é igualmente importante, pois, se o espaço é total, a paisagem não o é. Não se pode falar de paisagem total, pois o processo social de produção é espacialmente seletivo. O espaço construído que daí resulta é variegado. Formas de idades diferentes com finalidade e funções múltiplas são organizadas e dispostas de múltiplas maneira. Cada Movimento da sociedade lhes atribui um novo papel.” (SANTOS, 2012, p.59-60)

É importante salientar nesta citação que o espaço é total, mas a paisagem não é. A paisagem é viva e manifesta seu processo evolutivo e o desenvolvimento de sua forma e composição. O desenvolvimento da paisagem na sociedade contemporânea associa-se ao modo de vida tradicional no qual o processo evolutivo continua. Ao mesmo tempo nos mostra suas manifestações em sua evolução no tempo (YUNES, 2012).

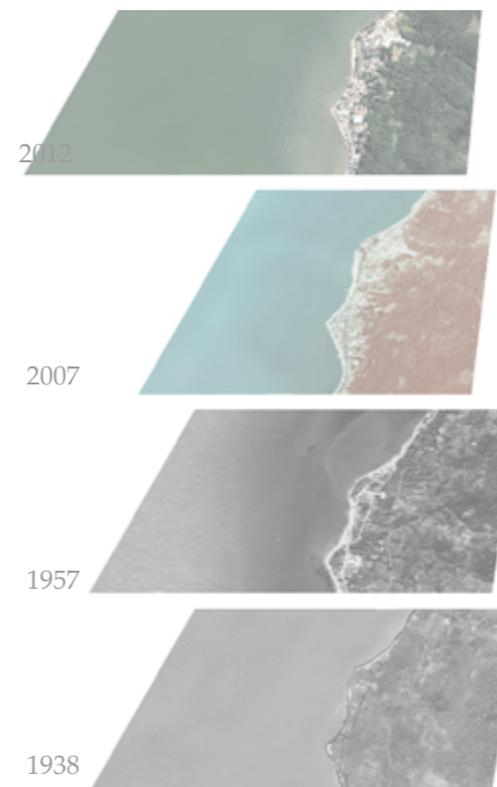
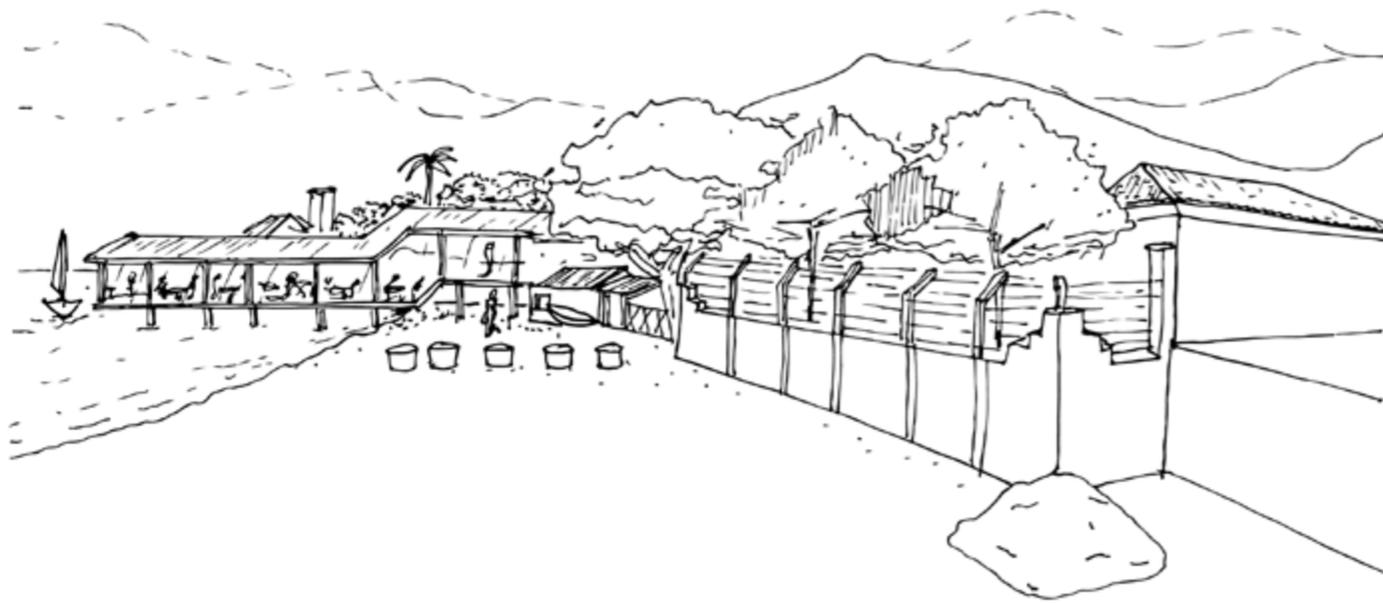


Diagrama 1 : Ribeirão da Ilha e suas atualidades acumuladas.





Croqui: pelo autor

Paisagem do Ribeirão da Ilha, vista da praia e do trapiche do restaurante Ostradamus.

Mas nos falta encaixar mais um conceito. O que essencialmente é o lugar? O povo costuma dizer que para tudo tem hora e lugar. Este ditado popular sedimenta esta discussão do espaço e do tempo. Porém o espaço está ligado ao termo lugar. Ora, espaço e lugar são essencialmente iguais? Não. Ambos podem conotar uma localização. Porém o lugar é um fenômeno. Ele está atrelado a uma totalidade concreta, contendo matéria, forma, cores, cheiros e sons. Ou seja, o lugar possui uma qualidade ambiental ou caráter peculiar qualitativo total. Não há como reduzir nenhuma de suas propriedades com relações espaciais sem que se perca algo de sua natureza. O lugar por ser uma totalidade, não pode ser definido por conceitos analíticos ou científicos. A ciência abstrai os dados mirando num conhecimento neutro e objetivo, perdendo de vista as particularidades (NORBERG-SCHULZ, 2013).

Atrelado ao lugar, somos levados a um reflexão mais abstrata que é o espírito do lugar, também chamado de *genius locci*. O *genius locci* é um conceito romano. Traduz o espírito que dá vida aos lugares (NORBERG-SCHULZ, 2013). Está ligado às pessoas, seus costumes, suas vi-

-das e mortes e determina o caráter e a essência do lugar. Sabendo que todo lugar possui um caráter e há também objetos geográficos feitos pelo homem ou herdados da natureza, podemos nos aproximar do significado de patrimônio cultural.



Azulejos que retratam o patrimônio cultural da ilha. Foto: Carolina Arruda

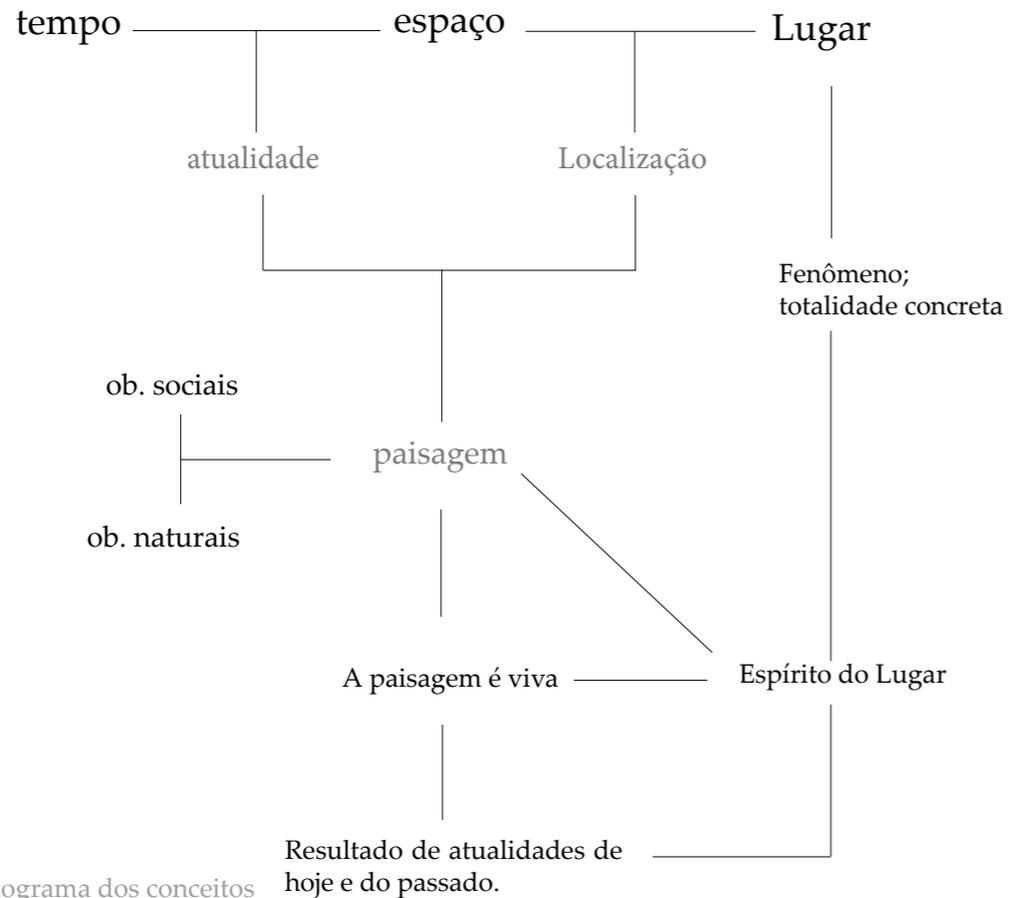


Diagrama 2: Fluxograma dos conceitos



A praça Antônio Antunes da Cruz, a paisagem e o dominó.
Freguesia do Ribeirão da Ilha.

Croqui: pelo autor.

2.3 o patrimônio cultural

A Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988) estabelece que patrimônio cultural é formado por bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. São as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

O patrimônio cultural deve possuir referências culturais representativas em mais de um grupo social, compostos por bens imateriais e materiais. A porção unicamente física de determinado local ou bem não possui valor por si só, pois a maneira como o indivíduo interage, ou interagiu, com o mesmo é parte majoritária na composição do seu valor como patrimônio cultural para a sociedade e do seu valor histórico para o povo. Sendo assim os bens

culturais são resultado de processos de alterações sociais e nas memórias de um povo, pois a cultura possui um caráter dinâmico, com mudanças que ocorrem de maneira irregular, com base em situações e modificações sociais de um local (NÓR, 2010).

“As vivências e as relações sociais manifestam-se no contexto arquitetônico e urbano dos lugares. Essas relações se dão também por meio de uma sobreposição de idéias, crenças, valores e sentimentos, vinculados à dimensão imaterial do lugar.” (NÓR, 2010, p. 90)

É impossível dissociar como as mudanças sociais interferem nas modificações ocorridas em um local, afinal o espaço e suas modificações são resultados das relações sociais, com o meio ambiente e de poder estabelecidas pelos sujeitos, e suas práticas sociais dão sentido ao local. Os locais considerados patrimônios culturais são meios para transmitir as histórias dos povos passados para os visitantes e gerações seguintes.



Fotos: Carolina Arruda.

A renda, o detalhe arquitetônico e a iluminação na escala do pedestre. Freguesia do Ribeirão da Ilha.

3. o método

Partindo destas reflexões, conclui-se que as mudanças sociais interferem no lugar e conseqüentemente no espaço, obtendo resultados socio-ambientais diferentes para um mesmo local. É evidente que o patrimônio cultural, sendo material ou imaterial é algo pertencente, revelador e transmitido pelas pessoas do próprio local. Com base nisto, busquei tratar do tema utilizando a metodologia da história oral, partindo de entrevistas feitas com moradores, principalmente com quem é participante e produtor da cultura ribeironense. Como complemento e apoio às ideias e histórias, utilizei pesquisas a documentos e acervos fotográficos, e também, minhas próprias percepções sobre o local de estudo, levantando minhas impressões através de texto e croquis.

O foco de estudo foi a Freguesia do Ribeirão da Ilha, e na escala humana a Sociedade Musical Recreativa Lapa, grande participadora, produtora e incubadora de cultura local. As entrevistas foram feitas com pessoas influentes no bairro, a exemplo: Seu Alécio Heidenreich, considerado um guardião da memória do Ribeirão da Ilha, último construtor de baleeiras e músico mais antigo da

Banda da Lapa. O ilustre maestro Wellinton Correa, pessoa multifacetada, historiador, sargento músico da Base Aérea. Aproximando a pesquisa para um viés acadêmico, foi entrevistado o Professor Nereu Do Vale Pereira, escritor e fundador do museu do Ribeirão, onde preserva grande parte do imaginário material e imaterial do Ribeirão da Ilha. Para os capítulos sobre o carnaval e a igreja, foram entrevistados pessoas referentes a estes temas. O músico e compositor Reginaldo Barcelos e a professora e coordenadora da encenação da Paixão de Cristo, Marilei Maria da Silva.

Por se tratar da metodologia da história oral, dei-xei que as entrevistas tivessem um cunho mais livre, assim os entrevistados dariam o seu testemunho sobre a vida e histórias que possam ilustrar melhor o bairro, a entidade e a importância da mesma dentro da comunidade. Tudo foi registrado em arquivos de áudio digital e transcritas. Neste momento foram corrigidas repetições de palavras, vícios linguísticos e erros gramaticais a fim de facilitar a leitura dos depoimentos. Tudo está conforme com as diretrizes éticas que constam na Resolução n°.196/96 do Conselho Nacional de Saúde, datada de 10 de outubro de 1996.

história oral

entrevistados:

Prof. Nereu do Vale Pereira
Seu Alécio Heidenreich
Maestro Welinton Correa
Prof. Marilei Maria da Silva
Músico Reginaldo Barcelos

documentos

livros; trabalhos acadêmicos
documentos de forma geral
Acervos fotográficos

croquis

a mão livre,
de observação ou
com base em fotografias

o Ribeirão.



a freguesia.



a Banda.



Diagrama 3: Escalas de estudo croquis: pelo autor.

4. a imigração açoriana

Entre os anos de 1747 e 1756, cerca de 6 mil imigrantes das ilhas do Arquipélago de Açores e Madeira desembarcaram na Ilha de Santa Catarina, na época Desterro. A chegada destes imigrantes constitui um marco para o nascimento da cultura açoriana em terras do além-mar. Essa gente trouxe as marcas de seu viver, sua cultura, suas histórias, lendas, costumes e tradições que perpetuam até os dias atuais em inúmeras comunidades de Santa Catarina.

Sua vinda pode ser justificada a partir de dois pontos de vista. O primeiro é relativo a motivos econômicos: algumas ilhas passavam por um período de superpopulação, onde faltava terra e comida para todos, e, geográficos: as ilhas do arquipélago de Açores eram constantemente assoladas por tremores de terra e erupções vulcânicas. O segundo ponto de vista refere-se a necessidade que o governo português tinha de proteger as terras litorâneas do sul do Brasil contra invasões espanholas e de corsários. Para tanto, a solução usualmente empregada era a de colonizar tais terras (PIAZZA, 1992; FARIAS, 1999 apud Filho et al, 2015).

Aqui chegaram com promessa de terem terra, animais e ferramentas (CONEVA, 2010) e com a crença de

que poderiam continuar a sua tradição de “virarem suas costas ao mar e voltarem-se para a terra” (GOMES, 2018). Faz-se saber: os açorianos tinham uma conexão mais próxima com a agricultura do que com o mar, em sua terra natal. Eram exímios produtores de trigo, por exemplo. No entanto, tal cultura não vingou nas terras de Desterro: o clima e o tipo de solo aqui, areno-argiloso em contraste com um solo de terras vulcânicas, logo muito férteis (Filho et al. 2015), não condiziam com as necessidades para que tal cultura frutificasse. Tiveram então de se adaptar: começou-se a cultivar mandioca (engenhos para a produção de farinha), café, milho, algodão e buscaram o mar, fazendo da pesca uma nova tradição.

A preferência dos portugueses na escolha de famílias já constituídas e de pessoas com algum vínculo já formado (familiares, amigos) contribuiu para a melhor adaptação nas destas pessoas nas novas terras e também, principalmente, para a perpetuação com mais força de sua religião com as festas do Divino Espírito Santo, seus modos de agir, seus credos e costumes (ALVES, 2016).



Elementos que remetem a cultura açoriana no restaurante Ostradamus.

Foto: Carolina Arruda

5. as freguesias

As freguesias correspondiam a menor porção administrativa no Brasil-colônia. Era uma divisão político-religiosa, visto que cada freguesia tinha sua paróquia e um vigário nomeado pela administração da capitania (Pauli, 1973 citado por Filho et al. 2015). Este fato explica o porquê de as freguesias sempre terem seus nomes associados a santos: Freguesia da Nossa Senhora da Lapa (Ribeirão da Ilha), Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades e Santo Antônio (Santo Antônio de Lisboa) e Freguesia de Nossa Senhora do Rosário (Enseada de Brito).

Estas unidades eram construídas de acordo com diretrizes pré-estabelecidas pela coroa portuguesa: geralmente a igreja de frente para o mar; uma praça separando-os e sendo delimitada por duas vias principais que por sua vez, dão início ao traçado de novas vias. Era um traçado regular, premeditado. Mas é importante salientar a existência de freguesias com crescimento orgânico, sem planejamento prévio (Filho et al. 2015).

6. o ribeirão da ilha

“Perguntei ao Meu Senhor:
Onde está meu coração?
Ele então me respondeu:
Você conhece o Ribeirão?”

(Ribeirão Meu Amor - Dr. Fernando Caldeira Bastos /
Luiz Henrique Rosa)

Para nos atentarmos a importância cultural deste bairro, é necessário entender que a história do Ribeirão da Ilha é a história da ocupação europeia e do primeiro povoado na Ilha de Santa Catarina. Seu espaço, seus lugares e suas paisagens foram determinantes para que isso ocorresse. A localização geográfica e suas pontas e praias para desembarque somada à aproximação da relação ilha-continente mais próxima que existe, fez com que os primeiros habitantes europeus se fixassem na ilha. O professor Nereu do Vale Pereira deu relato descritivo da história da região onde hoje é o Ribeirão da Ilha.

“Convém de início registrar que todos os contatos europeus com a Ilha de Santa Catarina desde 1500, foram contatos com exploradores espanhóis, não foram os portugueses. A Enseada de Brito, como a região da Tapera e da Caieira da Barra do Sul, eram áreas indígenas, tanto a questão da Enseada de Brito que é uma comunidade de terra firme, como eles chamavam, junto ao rio Maciambu, e as comunidades indígenas que haviam na ilha de Santa Catarina, que tinham por centro de referência o local onde hoje se chama Tapera, era chamado o Sítio do Caiacanga-Mirim. Que era o nome que tinha. Então todos os contatos com os primeiros europeus nesta região foram com os índios destas duas regiões, das comunidades guarani. Então são os dois pontos mais antigos da ilha de Santa Catarina.” (PEREIRA, 2018)

É importante salientar a presença indígena da Ilha antes da chegada dos exploradores espanhóis. Isso nos ajuda a desmistificar o conceito de descobrimento, imposto pelas nações europeias, com o argumento: o que não era deles, não era de ninguém. Portanto, era um achado. Neste diálogo, também, vale mostrar a localização da Enseada de Brito, as pontas do Caiacanga-Mirim e Caiacanga-Açu. A palavra “Caiacanga” quer

dizer cabeça de macaco, mas também é ligado ao molusco polvo, pela similaridade do desenho da ponta como objeto geográfico e os tentáculos de molusco marinho.

A relação humana com a água sempre foi de extrema vitalidade. Nenhuma comunidade se organizou fora de onde tem um fluxo de água doce. Não seria diferente no caso do Ribeirão da Ilha. Como o próprio nome diz, há um ribeirão neste bairro e ele era um dos mais expressivos no sul da ilha, como alerta o prof. Nereu:

“ Então o riacho do sul da ilha mais expressivo era o chamado ribeirão, cuja a foz fica ali onde chamamos de Canto do Rio. Pro lado sul tem a cachoeira da Caieira e tem o rio Caiacanga-Mirim que fica na comunidade onde hoje se chama Tapera. São dois pontos onde tinham água doce razoável. Além disso, a tapera tinha ainda bastante proximidade com a saída do riacho Ribeirão. Então todos os europeus que chegaram na ilha depois de 1515 tiveram como contato os índios que moravam nestas duas áreas, Caieira e Caiacanga-Mirim.”
(PEREIRA, 2018)

A água, mas dessa vez na representação do mar, também está inserida em um acontecimento que determinou a vinda dos primeiros espanhóis para a ilha, de forma trágica.

“Os primeiros habitantes a se fixar na ilha foram o resultado de um naufrágio de uma embarcação que pertencera a João Dias de Solis, foi um português que descia o atlântico. Ele teve um contrato com a coroa espanhola de explorar uma possível passagem para o pacífico, antes de Fernão de Magalhães quando descobriu lá na Patagônia. Eu to falando de 1515, e a Patagônia, lá no Estreito de Magalhães, vai ocorrer em 1520. Então esse Solis recebeu um contrato que ele tinha que ir descendo a costa sul da América, vendo se havia alguma possibilidade de alcançar o oceano pacífico. Então esse navegador português, contratado pela Espanha, João Dias de Solis, que na Espanha recebeu o nome de Juan Díaz de Solís, foi quem recebeu essa incumbência, contrato que ele assinou em

1514. Ele saiu da europa em 1515. Chegou aqui ainda em 1515, final de 1515. Assim que ele adentrou o rio Uruguai, a bacia do Prata, na época não tinha uma denominação específica, sei que eles entraram pelo rio, na tentativa de encontrar uma saída pro lado de lá do pacífico. Acontece que logo nessa primeira entrada ele foi morto pelos índios. Evidentemente, ficou talvez jogado em cima dos peixes para acabar com o corpo dele, ele ficou por aqui. E os sobreviventes da sua equipagem começaram a retornar. Um relato que desconfio que não seja verdadeiro, seja uma criação para justificar a decisão que vieram a tomar, quando chegaram aqui no sul da Ilha de Santa Catarina, junto a praia que chama Naufragados, eles tentaram ficar na ilha. Tentaram saltar em terra e começaram a explorar a região do sul da ilha. Eram ao todo 19 espanhóis. O livro que escrevi agora por último, chama-se Farpas de Acorianópolis, fala sobre estes 19. Uns foram para Enseada de Brito e outros ficaram aqui na Ilha de Santa Catarina e foram fixar residências justamente onde hoje é a Tapera. Ramirez, o nome do outro agora, daqui a pouco solto o nome dele, um deles casou-se com a filha do cacique e resolveram ficar morando aqui. Então foi a primeira população da ilha de Florianópolis e se localizaram em Caiacanga-Mirim, hoje Tapera. Nisso então nasceu o início do Ribeirão da Ilha. Esses são os primeiros aglomeramentos humanos na ilha e

“é o porque que o ribeirão da ilha tem importância humana e histórica. Ele foi todo o centro do povoamento da ilha de Santa Catarina por europeus. A sede, a base foi aqui no Ribeirão da Ilha.” (PEREIRA, 2018)

Professor Nereu, com este depoimento nos explica a importância da história do Ribeirão da Ilha como palco e cenário para a própria história do povoamento na Ilha de Santa Catarina. Passado os anos, o Ribeirão é novamente o destino de outra imigração europeia, desta vez são os açorianos que pisam e criam raízes na ilha.

“A freguesia de Nossa Senhora da Lapa vai surgir em 1750, com a organização do povoamento açoriano no sul do Brasil. A vinda de açorianos para a ilha. O governo local escolhia alguns locais da ilha para mandar 60 casais. Quando chegassem, ficavam no centro da ilha, em Nossa Senhora do Desterro. Depois de um tempo de estarem se recuperando da viagem, viagem muito longa e estarem adaptados. Eles eram remanejados para comunidades. Era essencialmente provindos da Ilha São Jorge e Faial. O grosso era da ilha de São Jorge. Os 60 casais que chegaram em 1750 na ilha se situaram, antes de quem entra para a Tapera, ali no Canto do Rio. Naquela área ali eles

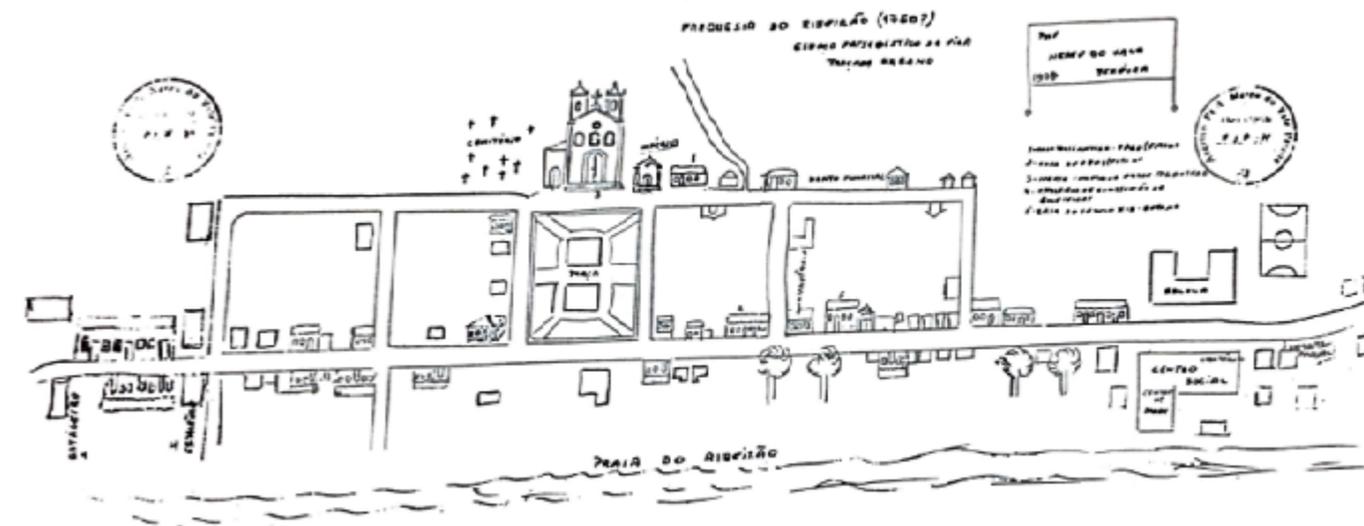
ficaram acampado. Botaram o nome de sítio do Simplício. Talvez fosse o homem que fez a primeira casa ali. Ai que os açorianos chegaram e ficaram ali. Começaram a se espalhar pelo lugar onde hoje se chama Barro Vermelho. Começaram a fixar residências por ali. Não tem ainda a freguesia ou o local escolhido. Eles escolheram ali até um local para fazer uma capela de Nossa senhora da Lapa, que é a primeira capela é de 1760. Onde eles construíram uma capela e botou uma imagem de Nossa Senhora da lapa, que tinham trazido com eles.” (PEREIRA, 2018)

Com a elevação do Ribeirão à Freguesia, ela receberia então investimentos vindos da Coroa Portuguesa. Todas as obras portuguesas no Brasil tinham um caráter mais acentuado de feitorização do que colonização. Para a Coroa Portuguesa, não convinha investirem grandes obras, ao menos, quando não produzissem benefícios imediatos. Como toda a criação de Freguesia, ela começava com uma praça maior. Geralmente era de frente para o mar e em uma dessas faces ficaria a Igreja, colocada em um local de boa vista, se tornando majestosa na paisagem. As ruas tinham que ter no mínimo o comprimento para que em dias de festas pudessem passar carroças a cavalo. (HOLANDA, 2015)

Porém, ao contrário do que dizia o historiador Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, as cidades portuguesas não eram construídas e configuradas de forma espontânea. Havia sim um projeto de traçado urbano. Era um traçado muito diferente do arruamento ortogonal espanhol, o *damero*. Os arruamentos portugueses tinham um certa regularidade e mais que isso, era respeitoso com a topografia, tornando a estrada mais sinuosa, porém reduzindo custos com movimentação de terra. Nereu do Vale Pereira comenta sobre isso na criação da comunidade da Freguesia do Ribeirão:

“Cada comunidade portuguesa devia receber um traçado urbano, uma organização planejada pela coroa. A coroa encaminhou as diretrizes para um aglomerado urbano que era mais ou menos padrão. Escolhia um lugar para uma praça. Numa das faces poria a Igreja. Ruas a cordel, atravessando. As casas juntas a praça em organização geminadas. Previsão régia de 9 de agosto de 1747, ela descreve como desenhar. É o desenho que tem a comunidade do ribeirão, da enseada de Brito. Uma praça, a igreja e as casas. Foi tudo previsto pela coroa portuguesa. Essa comunidade começou a ser, em 1758 com a igreja, as ruas a cordel. Mas ela só foi ser benta em 1803 quando se rezou a primeira celebração e consagra-

-da em 1806, que é a data que tem na igreja. 9 de fevereiro de 1806. Aí então recebeu o título de freguesia. Porque freguesia? o que quer dizer freguesia? Freguesia é uma comunidade que tem uma estrutura paroquial. Paróquia na terminologia romana de igreja. Freguesia na terminologia da legislação portuguesa. Paróquia e freguesia é a mesma coisa. Refere-se a mesma área e a mesma disposição urbanística. Veja que esse traçado urbanístico da freguesia se repete na Enseada de Brito, em São José da Terra Firme, São Miguel, Era os traçados que eram fixados pela coroa portuguesa. Isso foi importante porque deu um status maior ao Ribeirão da Ilha. Santo Antônio também tem esse traçado. Santo Antônio começou em 1748. Ribeirão é de 1750, porque aqui já tinha uma comunidade organizada, era o sítio do Simplício, já tinha um povoado com umas 100 pessoas mais ou menos. Então os açorianos chegaram aqui, eram mais ou menos uns 300 habitantes e que organizaram a freguesia.” (PEREIRA, 2018)



Passado os anos, chegamos ao Ribeirão que o Seu Alécio conheceu. O Ribeirão da Ilha que reúne a beleza e o encanto das tradições ilhéus de Florianópolis. Como diz a música do Dr. Fernando Caldeira Bastos com parceria ao saudoso músico e compositor ilhéu (de coração) Luiz Henrique Rosa:

“Antônio Antunes da Cruz
Tinha Razão;
Não há coisa mais linda
Que seu Ribeirão.”
(Ribeirão Meu Amor -
Dr. Fernando Caldeira Bastos /Luiz Henrique Rosa)

No qual o Antônio Antunes da Cruz foi uma personalidade marcante no Ribeirão da Ilha. Sr. Antônio era tio de Seu Alécio, que nos descreve um pouco de como era o Ribeirão na década de 30 e 40.

“Quando eu era guri, o Ribeirão da Ilha era a metade de hoje, menos da metade de hoje. A gente brincava no meio da estrada, porque não tinha calçamen-

to, era tudo rua de chão. A gente brincava no meio da estrada porque só passava ônibus, e era uma vez por dia. Para ir de manhã pro centro e voltava a tarde. Então não tinha mais ônibus. Jogava bolinha de gude, bolinha de vidro como se chamava. Correr, bandeira e caçar no mato, eram as nossas brincadeiras.[...]Na quaresma, naquele tempo, ninguém cantava, então nesse tempo a gente só fazia pelotinha de barro para caçar. Quando chegava Aleluia [referência ao sábado de Aleluia], para nós é uma festa. Ia todo mundo no mato, naquele tempo, descalço. Não sei porque que a gente andava descalço naquela época. Mas eu nunca acertava não.” (HEIDENREICH, 2018)



Croqui: pelo autor.

Matriz Nossa Senhora da Lapa

Dentro desta ótica, foi perguntado ao maestro Wellington se o Ribeirão tem algo que proporciona essa produção cultural tão grande. Ele envereda sua resposta para o lugar, descrevendo a arquitetura e a paisagem, elogiando-as:

“Acredito que sim, a paisagem natural que é muito bonita. A própria paisagem arquitetônica que também proporciona isso daí. A cultura, mesmo, imaterial que tem aqui e desde cedo começa a ter contato. A gente tem aqui o Boi-de-mamão, as danças de roda que a gente ouve a nossa vó falar, o carnaval do Zé Pereira, o terno de reis, a festa do divino, isso tudo aí faz com que o Ribeirão forneça essa matéria prima pros artistas fazerem suas peças, suas composições né. Então nesse sentido que eu acredito que o Ribeirão ele tenha grande influência sim, por ter essa quantidade grande de artistas e influencia o trabalho deles com certeza. A gente percebe aí na música do Reginaldo e do Kalunga, o próprio Hemerson quando toda ali o trombone dele, a gente vê que é um músico que é daqui, então eles conseguem transportar isso para música, eles conseguem colocar isso daí e tantos ou-

-tros artistas que compõem e que a gente vê que tem uma ligação clara com o bairro.” (CORREA, 2018)

A intimidade e a admiração dos moradores com o espaço natural e com a paisagem do Ribeirão é de muita sensibilidade. O Ribeirão é sempre inspiração para os seus moradores e frequentadores. Isso fortalece o fato de a cultura de um povo estar ligado ao lugar e ao espaço. Não há povo sem tradição. É ela quem produz uma cultura que é circunstancial a vida. A confirmação disto é que, mesmo para o Seu Alécio, o Ribeirão que ele conheceu quando criança não passava de uma dúzia de casas, uma praça e uma Igreja. O que implica no fato de o contato dele com o ambiente natural, a paisagem, com os lugares, dentro no conceito de *genius locci*, ser maior. E se isso já acontecia na década de 40, se aprofunda com o crescimento populacional do bairro. Onde tem povo, tem produção cultural.

O maestro Wellinton nos fala um pouco sobre como o Ribeirão Influencia sua produção acadêmica e artística:

“Bom, eu não componho, eu não sou compositor. Eu sou um músico instrumentista, que toca e interpreta músicas. A parte artística mais volta-



Croqui: pelo autor.

Paisagem arquitetônica da Freguesia do Ribeirão da Ilha.

-da para execução eu acho que a linguagem que eu aprendi aqui, a linguagem musical aqui da Banda até hoje me acompanha. Apesar de eu ter desenvolvido também outras linguagens musicais durante a minha vida, durante a minha carreira. Mas aqui, com certeza, foi onde eu mais aprimorei, mais eu ainda tenho característica, dessa música e do que eu aprendi aqui. O ribeirão na minha vida cultural representa uma fonte de inspiração né, porque pra gente a onde vai sempre carrega um pouco do bairro né, vai ficar imaginando ali o lugar onde a gente nasceu, cresceu, teve a vida social. Então a minha vida cultural foi formada nesse local. Carrego muito do ribeirão da ilha na música que eu interpreto. As vezes eu escrevo, gosto de escrever uma coisa assim de, uma narrativa, gosto de escrever né. Um conto, alguma coisa. Ou mesmo os trabalhos acadêmicos que a gente realiza sempre o Ribeirão ele tá dentro dessa perspectiva né. A gente sempre procura trazer a Banda, o Ribeirão da Ilha. A minha dissertação de mestrado era sobre o Luiz Henrique Rosa, mas querendo ou não o Luiz Henrique Rosa também teve uma ligação aqui com o Ribeirão, então também procurei colocar isso aí no trabalho.

A cultura que existe aqui no Ribeirão, está dentro dele e sempre buscando conhecer mais sobre essa cultura ribeironense.” (CORREA, 2018)

7. o Ribeirão e suas bandas

por seu Alécio Heidenreich, 1991

“Por volta de 1870 vivia na Freguesia de Nossa Senhora da Lapa, hoje Ribeirão da Ilha, um povo cuja atividade principal era a pesca. Poucos eram os que se dedicavam à cultura da terra. Embora fosse um povo com baixo grau de escolaridade, sabiam apreciar as artes, principalmente a música. Tinham como costume nas noites quentes de luar, sentarem-se nas calçadas até altas horas da noite para cantarem ao som do cavaquinho, violão, pandeiro e outros instrumentos populares.

O amor pela música fez com que numa daquelas noites alguém falasse em fundar uma banda de música. Todos riram, parecia uma piada. Mesmo assim, a idéia foi crescendo. Liderada por Benevenuto Silva, Fabriciano Souza, João Rosa e outros, conseguiram, não sabemos como, nem onde, um instrumental em péssimas condições de uso. Nascia a primeira banda do Ribeirão.

Para fazer os instrumentos funcionarem era preciso eliminar os vazamentos com cera de abe-

-lhas. A quantidade de cera empregada chamava a atenção do público que não perdeu tempo em denominá-la a “Banda da Cera”, esquecendo o seu verdadeiro nome: “Sociedade Musical Amantes do Progresso”. O apelido não incomodava os músicos. O importante era a presença da sua bandinha em todos os eventos.

O tempo passou e nenhum outro equipamento foi adquirido e por isso a deficiência do material aumentava. Os recursos empregados na recuperação não funcionavam totalmente, dificultando a execução das músicas.

Diante da situação, numa festa de Nossa Senhora da Lapa, o povo percebeu e sentiu que alguma coisa deveria ser feita imediatamente, antes que a bandinha desaparecesse. A comunidade não aceitava mais a hipótese de ficar sem música nas suas festas. Já haviam se passado, até então, 25 anos de alegria.

Diante do problema que se apresentava, Hermínio Silva, Gustavo Fenner, Macário Wolf, José Carl Heidenrei-

-ch e outros, tomaram a iniciativa e fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa em homenagem ao dia da sua santa padroeira, na festa do dia 15 de agosto de 1896. Esta conseguiu recursos e importou da Alemanha, através da firma Carl Hoepcke, um instrumental novo (a nota fiscal fatura desta compra no valor de 580 marcos, encontra-se no Ecomuseu do Ribeirão da Ilha). A “Cera”, apesar de muito distanciada da sua co-irmã no que diz respeito a equipamentos, levava a vantagem no material humano – seus músicos eram mais experientes.

A chegada do instrumental foi num dia de festa. Até a “Banda da Cera” compareceu com seus velhos instrumentos para homenagear, executando um dobrado. Apesar de ferida no seu orgulho, reagiu e continuou humildemente o seu trabalho, executando belas melodias nas mesmas condições da sua rival, mesmo à base de cera.

A partir daí, a Freguesia de Nossa Senhora da Lapa passou a ter duas bandas em todos os eventos religiosos, cívicos, carnavalescos e outros. Uma

disputa começava. Os ensaios eram escondidos, em locais e datas alternadas e até de madrugada, para evitar que uma banda conhecesse o repertório da outra. Durante muitos anos elas apresentaram-se lado a lado, disputando a preferência do público, até que um dia aconteceu o que o povo acreditou ser um milagre de Nossa Senhora da Lapa.

Como de costume, numa festa, as duas bandas apresentavam-se normalmente. Era sábado à noite. Lá pela meia-noite o povo foi se retirando, ficando somente as duas bandas – nenhuma delas queria sair primeiro. Virou competição. Às 4 da madrugada, juntaram-se para fazer um lanche. Não havia inimizade. Após o lanche, voltaram a postos e cada uma executava uma peça como se estivessem em plena festa. O dia amanhece, começa a chegar o povo e a festa continua: missa, procissão e encerramento. As bandas voltam a seus postos. Os familiares já preocupados com a situação, e os sem-pressa “soprando fogo” para ver no que ia dar. Eis que o povo chamou de milagre: uma tempestade se formou e veio com tudo, embora o tempo estivesse bom. A correia foi geral – não houve vencedor. Acabou a competição.

O tempo passava e uma coisa as duas bandas não podem mais evitar: o desgaste material. A Banda da Cera sentia a aproximação do fim de suas atividades, tendo em vista o alto grau de desgaste de seus instrumentos e a falta de recursos para substituição. Os músicos reconheceram com tristeza que não podiam mais continuar o seu trabalho. Para os mais insistentes e apaixonados pela música, só restava uma solução: juntar-se à Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa, que por sua vez, lamentava a extinção de sua rival e acolhera com todo o carinho os velhos artistas, reforçando assim o seu quadro. Agora a banda sabia que estava só e teria que fazer o papel das duas.

Em 1935 a Sociedade consegue recursos mais uma vez e adquire um novo instrumental. Desta vez, nacional, pois já havia fabricação desses instrumentos no Brasil. As atividades continuavam normalmente.

As apresentações eram feitas em todas as localidades vizinhas e até no continente. O povo orgulhava-se de ter a sua banda, sendo lugar tão pequeno. Sabiam que em muitas cidades grandes não existia e que

em outras existira, mas acabara por falta de recursos.

Passaram-se 15 anos. Os instrumentos, agora nacionais – enfrentando muitas vezes transporte pelo mar, não tinham a mesma resistência daqueles importados da Alemanha, que duraram 30 anos – começaram a apresentar problemas. A solução era um novo instrumental, porém a falta de recursos era total e não havia condições de substituir nem ao menos alguns instrumentos já fora de uso. Um apelo foi feito à comunidade, que não se sensibilizava, e então a banda começava a diminuir suas apresentações.

Finalmente chega agosto de 1951. Era dia de festa de Nossa Senhora da Lapa e a banda não pôde comparecer. O povo lamentou e chorou a sua falta, mas reconheceu que era responsável por tal situação, não atendendo aos apelos dos músicos. Foi uma festa triste para quem já teve duas bandas. Éramos jovens e talvez os mais tristes, por falta de música. Na época ainda não havia energia nem som eletrônico. Não parecia ser dia de festa. Terminada a missa, o povo recolheu-se à sua casa. Nada havia que pudesse segurá-los na festa, faltava a banda.

Conversamos com alguns músicos que estavam presentes, tristes e inconformados. Neste mesmo dia foi marcada uma reunião à noite na casa do músico João Ávila para estudar as possibilidades da reorganização imediata da banda. Naquela reunião compareceram todos os músicos, mais dezessete jovens interessados em ingressar na banda. Discutiram todos os detalhes até altas horas da noite para contratar um maestro, acertar problemas de hospedagem, transporte e outros. Começava nova luta. Vários instrumentos novos foram encomendados pelos pais dos participantes, e os antigos foram encaminhados à fábrica para total recuperação. Enquanto isso, os novatos recebiam aulas intensivas de teoria musical. Três meses se passaram. Enfim chegaram os instrumentos e começaram os ensaios práticos, que duraram nove meses.

Quando chegou agosto de 1952, dia da festa de Nossa Senhora da Lapa, a expectativa era grande. Todos aguardavam a bandinha que chegava com dezoito componentes, vindo na frente cinco veteranos para dar coragem aos treze novatos que apresentavam-se em público pela primeira vez. Tudo pronto.

O maestro Brasília Machado levanta a batuta e o dobrado de sua autoria, composto especialmente para este momento, é executado: “Ressurgimento”. “Viva a banda! Nunca mais a deixaremos cair!” Era o que se escutava entre os aplausos e choros de emoção. Tudo promessa vã. A banda não precisava mais do apoio do povo. Já tinha instrumentos e uniformes novos.

Algum tempo depois, nossos pais já cansados, entregaram-nos a bandeira de luta. Uma nova etapa se iniciava. Dois anos depois, o maestro Brasília Machado foi embora. Assumira a regência interinamente Oscar Silva. Nesse período passaram por aqui os maestros Aristides, Onofre e Lavinho. Em 1968 conseguimos o maestro Paulo Cordeiro Dutra, que se tornou um membro da família de cada músico, por causa de sua grande bondade. Através dele veio seu irmão Nilo Cordeiro Dutra, clarinetista “cinco estrelas”, e o Sr. Manoel Marcos da Silveira (vulgo Canhoto), especialista em recuperação de instrumentos. A morte destes amigos nos deixou muito tristes e abalados. Um acontecimento que não posso deixar de registrar e me deixa emocionado cada vez

que relato: o Senhor Canhoto, meu particular amigo, sempre quando eu ia levá-lo em casa, no Estreito, após os ensaios, falávamos de nossos problemas pessoais, mas sempre a conversa recaía na banda e nas dificuldades para mantê-la ativa. Uma delas, o lugar para os ensaios, que eram sempre locais cedidos gratuita e temporariamente por alguém. Por isso mudamos de local umas dez vezes. Depois, os instrumentos e os músicos - que moravam até 30 km longe do local dos ensaios, como era o caso do maestro Paulo Dutra e seu irmão Nilo Dutra, entre outros. Naquela época, o ônibus para o Ribeirão tinha só um horário, vindo para o centro de manhã e voltando à tardinha. Por isso, eu tinha que levá-los em casa após os ensaios, deixando-os em suas residências para depois então ir dormir sentado no meu fusquinha em frente à repartição onde trabalhava. Isto durou vinte anos.

Em 1998, na Festa do Divino Espírito Santo, no Ribeirão, logo no início do desfile do cortejo, meu instrumento pifou. Quando chegamos na igreja fomos ao baracão. Lá chegando, comentei com os colegas o meu problema. Tentei desesperadamente descobrir o defeito, não conseguindo. Os outros músicos também tentaram, tudo

em vão. No meu desespero rezei e falei em voz alta a meu amigo Canhoto, que já havia morrido: “Quanta falta o Senhor me faz, por favor, me ajude!” Dito isto, alguns minutos depois disse aos colegas que ia em casa ver outro instrumento que estava indo para o conserto. Ao me levantar, alguma coisa me fez experimentar novamente o instrumento. Para nossa surpresa ele estava perfeito, parecia novo. Todos ficamos estupefatos. Um deles comentou: “Meu Deus, ele te escutou! Foi ele!” Muito obrigado meu amigo, o senhor continua em nossos corações.

Em 1992, o maestro Paulo Dutra afastou-se para tratamento de saúde e não pode mais voltar. Regeu a banda até 1993, Cid, meu irmão. Foi quando chegou o maestro Mário João Daniel que, com sua experiência de mestre e arranjador “cinco estrelas”, aceitou nosso convite e levou a banda ao auge de sua história, arrancando do público aplausos e elogios em todas as apresentações.

Mas aquela promessa feita pela comunidade em 1952, quando a banda voltou às suas atividades, foi esquecida até o final de 1997. A banda continuou sozinha,

enfrentando todas as dificuldades. Somente em 1998 conseguimos alguns sócios contribuintes que nos ajudaram a manter as despesas com a recuperação dos instrumentos. Mesmo assim, a banda é a primeira que chega nas festas, trazendo a sua mensagem através da música.

Lembramo-nos com saudades daqueles dezoito alegres componentes que se apresentaram em 1952. Através deles, várias turmas de principiantes passaram pela banda. Aprenderam e fizeram carreira nas bandas militares. Pelas amizades que temos, trouxemos excelentes músicos profissionais de outras localidades que aqui deixaram suas experiências. Aos nossos amigos e mestres que já se foram, queremos registrar aqui, em nome da comunidade Ribeironense, a saudade, nossos agradecimentos pela dedicação e bons serviços prestados ao seu povo.

É em memória a eles que pretendemos levar avante os trabalhos que fizeram com tanto carinho. Tentaremos remover as dificuldades que surgem dia a dia. Entretanto reconhecemos que é uma missão muito difícil, pois sabemos que outros também tentaram fazer o mes-

mo, mas não conseguiram suportar sozinhos os problemas financeiros. Esperamos que a nossa banda não seja a próxima a encerrar as suas atividades. Por isso, fazemos aqui um apelo a todos que gostam de música, principalmente os conterrâneos, porque a banda também é deles. Saibam que a metade dos instrumentos em uso pertence aos próprios músicos e o restante já é de difícil recuperação pela antiguidade, pois foram doados em 1983 pela Base Aérea, quando soubemos que estavam em depósito para descarga. Isto significa que a sua existência está limitada. Ajudem-nos a renovar e manter a banda em plena atividade.

Devemos dizer que nos sentimos satisfeitos, felizes e até honrados em permanecer o dia inteiro presos a um banco, sem nada exigir, sem poder dar atenção às esposas, filhos, netos ou mesmo conversar com os amigos, nos dias de festa, muitas vezes até esquecidos do almoço prometido pelos festeiros. Tudo isso para alegrar o ambiente. Cabe a nós a preocupação de formar novos músicos, ensaiar, para estarmos atualizados e oferecer o melhor nesta arte.

Finalizando, lembramos que será muito do-

-loroso para um povo que já teve duas bandas, um povo que está acostumado há mais de cem anos com a sua melodia, deixar que volte a tristeza que passou na Festa de Nossa Senhora da Lapa, em 1951. Vamos seguir o exemplo de nossos bisavós, avós e pais, que não mediram esforços para ter a sua banda. Somente com a participação de todos é que poderemos continuar trazendo alegria às crianças, aos jovens, aos idosos, enfim, a todos os que apreciam a bela arte da música. Por favor, ajudem-nos.”

Texto de autoria de Alécio Heindenreich, escrito em 1991. Adaptado do original, publicado no livro “Ribeirão da Ilha vida e retratos: um distrito em destaque”, de Nereu do Vale Pereira e Francisco do Vale Pereira (Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991. 502p.).



(a)

(b)

(c)

(a) Seu Alécio e Banda da Lapa em procissão.

(b) Alécio Heindenreich, no Saxofone alto e Vilmar Silva, o “Vitamina”, na tuba.

(c) Carnaval no Ribeirão da Ilha, com o bom humor da Banda do Zé Pereira.

Arquivo pessoal de Alécio Heindenreich e digitalização por Daniel Choma.

8. a Banda da Lapa

8.1 a prática no espaço e a resignificação do lugar

Segundo De Certeau (1994), o lugar é uma ordem na qual se distribuem elementos com relações de coexistência, e é também, portanto, uma configuração instantânea de posições. Em outras palavras, o próprio autor também conceitua o espaço como:

“O espaço é um lugar praticado”
(DE CERTEAU, 1994, p.202)

Estas práticas, são na sua essência, práticas humanas e naturais. O espaço é portanto, um cruzamento de móveis - no sentido de não ser fixo, mas sim fluxos. As pessoas e as suas culturas são móveis. O movimento condiciona a produção do espaço e associa-o a uma história. Dentro desses movimentos, aparecem sujeitos históricos (DE CERTEAU, 1994). A Banda da Lapa se torna um deles dentro do espaço Ribeirão da Ilha, atuando como uma praticante, transformando lugares em espaços e espaços em lugares.

O que temos que verificar é que todo espaço urba-

-no recebe práticas sociais, mas isso não torna-o um espaço público. É necessário, nesta condição, conceituar e diferenciá-los entre espaço público e espaço urbano. Rogério Leite (2001) nos sugere que um espaço urbano somente se constitui um espaço público quando nele se conjugam certas configurações espaciais e um conjunto de ações. Estas ações que trazem o sentido de lugar e pertencimento, assim caracterizando um espaço público. A espacialidade também incide igualmente na construção de sentidos, bem como as ações que acontecem em espaços urbanos também podem se constituir como um espaço público - onde se sedimenta as diferenças e os conflitos culturais.

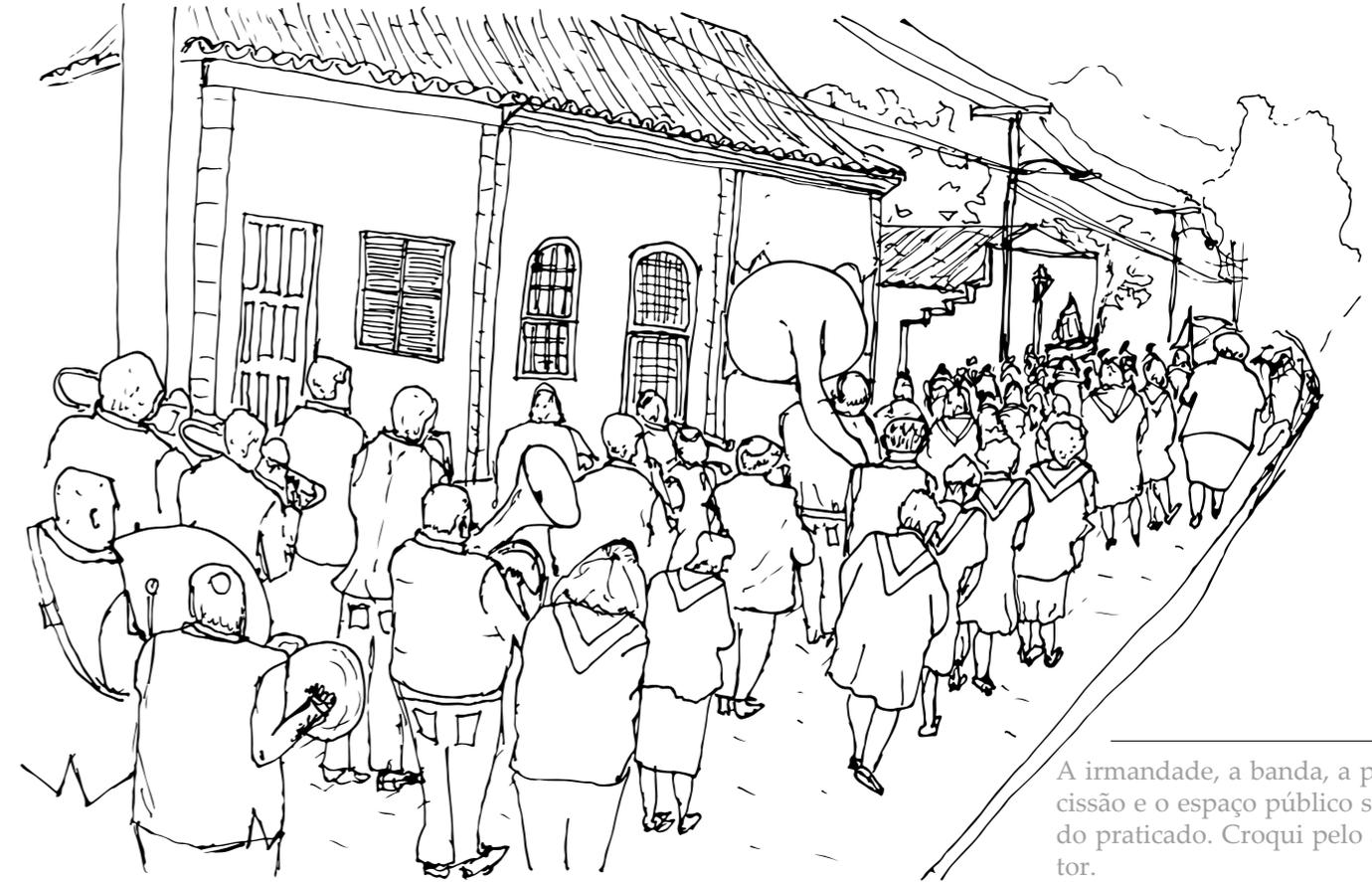
Quando o espaço urbano começa a exprimir noções de identidade e invoca memórias coletivas, ao passo que recebe práticas de diversos grupos, ele se transforma em espaço público. Quando o espaço é praticado, ele passa a ter inúmeras interfaces. Partindo desta reflexão, chego a outro conceito que é o Lugar Antropológico de Augé. O lugar antropológico é justamente essa construção concreta e simbólica do espaço que não poderia dar conta somente por ela, das vicissitudes e contradições

da vida social, mas qual se referem todos aqueles a quem ela designa um lugar. É simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem observa (AUGÉ, 2012).

“Toda aglomeração, aspira ser o centro de um espaço significativo”

(AUGÉ, 2012, p.64)

Augé ainda define que o lugar é necessariamente histórico, e ainda, o habitante do lugar antropológico não faz história, vive na história (AUGÉ, 2012). Assim como ele mesmo escreve: são lugares de vida, aqueles produzidos por uma história mais antiga e lenta. Posso considerar que a freguesia do Ribeirão da Ilha, com todo seu contexto cultural, natural e social, com seus sujeitos, entre eles a Banda da Lapa, vivem na história, onde o lugar de sua origem é a identidade de onde foi fundada. Um mesmo lugar, que recebe em diferentes contextos, atividades de uma mesma banda, ressignificando conforme a música e o período do ano.



A irmandade, a banda, a procissão e o espaço público sendo praticado. Croqui pelo autor.

8.2 a banda no espaço público

A centenária Banda da Lapa não se resume a sua própria instituição. Ela é um corpo vivo dentro do sul da ilha de Florianópolis. Em seu caminho musical há muitas histórias, que atravessam o tempo de nossos avós. A Banda é de todo o Ribeirão. Para Dárcio Arcelino Nunes Filho e Barbara Farias Martins - relatos recolhidos do livro de Memórias e Harmonias da Banda da Lapa, de Daniel Choma e Tati Costa, 2011:

“Eu não consigo imaginar o Ribeirão da Ilha sem a banda, e também não consigo imaginar a banda sem o Ribeirão da Ilha.”

Dárcio, sax alto e regência, 2011.

“É como imaginar o Ribeirão sem a Igreja, como imaginar o Ribeirão sem a lajota, coisas bem características daqui. O Ribeirão sem as casinhas...Quem conhece o Ribeirão e conhece a banda, e tem esse carinho por ela, não tem como imaginar.”

Bárbara, clarinete, 2011.

Ela possui quatro grandes faces frente a sociedade. O passeio entre o sagrado e o profano é feito de modo muito harmonioso, respeitando o calendário cristão, atuando nas atividades da igreja, assim como também, nos blocos de carnaval. Além disso, há uma contribuição e propagação da música ilhoa e o contato com a comunidade, através das aulas de música.

8.3 a banda e a igreja

Passando pelos choros e dobrados, marchinhas de carnaval, valsas, bolero, sambas, rock, pop, a banda que já teve o nome “Banda Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha”, denuncia sua ligação com a padroeira do Ribeirão da Ilha, participando das procissões, tocando marchas religiosas e fúnebres. É presença nas mais diversas festas religiosas, incluindo a Festa do Divino de vários bairros, entre eles: Ribeirão da Ilha, Rio Tavares, Campeche, Pântano do Sul, Barreiros, Monte Verde, Lagoa da Conceição e Rio Vermelho. Além das procissões, no centro, Nosso Senhor dos Passos, na Caieira da Barra do Sul, na procissão de Nossa Senhora de Navegantes. Também na procissão do Senhor Morto, ao fim da encenação da Paixão de Cristo, na Freguesia do Ribeirão da Ilha. São diversos os terrenos. Caminhadas em areia de praia, em barcos, nas lajotas do Ribeirão e nos asfaltos de demais bairros.

As procissões e festas religiosas são muito tradicionais e englobam acontecimentos populares. É local de encontro, lazer, namoro, conversas e fofocas. Mas antes de

tudo é um trajeto de meditação. Ao caminhar pelas ruas da freguesia, ocupando e praticando o espaço público, o povo é conduzido pela música da Banda, foguetes e orações. É uma caminhada de encontros, tanto com os vizinhos, amigos, turistas e acima de tudo, consigo mesmo. A paisagem construída se torna um belíssimo cenário, que muito pelo contrário, não deixa a procissão espetacularizada, mas sim, faz com que a gente viva a história do patrimônio cultural preservado até hoje, pela fé e devoção do povo ribeironense.

“Eu acho que a música traz um tom de humanidade. Quando eu falo humanidade, eu to falando que a emoção é algo humano. É inerente do ser humano. É algo que não pode ser mensurado nem controlado. Quando você está numa procissão e fazendo aquele percurso, que é um percurso meditativo, que estabelece um diálogo contigo mesmo. Quando tu faz essa conversa escutando a música, me parece que tu consegue chegar mais perto de ti. Quando tu chega mais perto de tí, tu chega mais perto de Deus. Quando mais nos aproximamos da essência que é a gente, mais a gente se aproxima de Deus.” (SILVA, 2018)

O calendário do Ribeirão da Ilha é pautado nas festividades. No início do ano começa com o carnaval e seu (extinto) Zé Pereira. O ano continua seguindo os tempos do cristianismo, passa pela procissão do Senhor Morto e a encenação da Paixão de Cristo, até que chega na Festa do Divino e logo mais a Festa da Nossa Senhora da Lapa, isso tudo de forma muito resumida e atual. Cada momento desse possui uma temática diferente, que faz com que as ruas e praças do Ribeirão assumem outros tons. Para a Banda da Lapa não é diferente. Cada apresentação dessas, ela direciona seu repertório.

“Acho que a Banda... claro, tem um lance que é cultural também, porque você vai escutando, ano após ano as músicas, que não variam tanto, pelo menos na minha história de lembrança da Banda, desde que eu tinha 10 anos e hoje tenho quase 50 anos. Então, tenho uns 40 anos escutando procissão. As músicas não mudaram tanto, pelo menos algumas permanecem e dão o tom para aquela temática da procissão. Procissão do Senhor Morto tem um tom. Procissão do cortejo do Divino tem outro tom. Procissão de Corpus Christi tem outro tom. Procissão de Nossa Senhora da Lapa tem outro tom. Então, a música, ela primeiro te

conecta com aquela temática da procissão. Ela te faz cada vez mais sentir aquilo que é a proposta. Vou dar um exemplo: quando a procissão do Senhor Morto que começa (Marilei canta o início da marcha fúnebre Echo). Quando a Banda começa a tocar isso, é como se ela fizesse essa ponte entre o que é exterior, tudo que estamos olhando, dos rituais, e o que a gente sente por conta daquele tema, Cristo morto, conduzido pelo cortejo. [A música] ela consegue fazer essa conexão, entre o que é externo e a nossa essência.” (SILVA, 2018)

Continuando o calendário, uma das festas religiosas mais importantes na ilha é a Festa do Divino Espírito Santo, tradição de herança açoriana. A festa acontece após a quaresma, anualmente repetida desde a chegada dos imigrantes açorianos na Ilha. A Banda ganha uma função de forte presença no cortejo, produzindo a música da procissão e depois alegrando os devotos no final dessa grande festa, atividade que chamamos de retreta.

A continuidade dessa tradição ainda acontece como descrito a 30 anos atrás, e seguramente desde todos os mais de 120 anos de existência da Banda. A presença

marcante dela produz e alimenta as emoções e o sentido da festa do Divino Espírito Santo, conduzindo o casal imperador pela praça em frente a Igreja, os foguetes estourando, as bandeirinhas balançando e o povo acompanhando o cortejo. Reginaldo Barcelos, na entrevista, me descreve o que sente:

“Sempre a Banda fazendo a trilha sonora da comunidade. A banda fazendo a trilha sonora da procissão. Fazendo a trilha sonora do cortejo do casal imperador. Conduzindo o casal até a igreja. Depois a apresentação cultural durante a festa. [...] A importância que a música tem para dar mais sentido às coisas. Porque se for analisar, seria tudo muito estático se não tivesse a Banda tocando. Pô, imagina o casal imperador caminhando, os foguetes explodindo, tal. E sei lá, o pessoal caminhando. Imagina a memória disso, sem o dobrado tocando. Sem o prato (efeito sonoro), sem o solo. Aquilo ali que dá a verdadeira emoção para o momento. (Regi chora) É muito profundo, não dá pra dimensionar a coisa. Esse é o poder da música. [...] Nas procissões, muitas pessoas vão chorando e não sabe o porquê, mas se a banda não tocar, elas não choram. O dobrado tocando gera uma densidade tão grande de emoção que as pessoas derramam lágrimas sem pensar. É muito forte” (DA SILVA, 2018)



croqui: pelo autor.

A banda produzindo a trilha sonora da procissão da Festa do Divino.

8.4 a banda e o carnaval

Chegando próximo ao carnaval, a Banda troca seu repertório principal por marchinhas, seu terno pela camisa, sua grande formação pela enxuta formação que adequa-se a um trio elétrico. No carnaval a Banda da Lapa se transforma na Banda do Zé Pereira.

O Zé Pereira

“E a Banda da Lapa é uma presença viva na memória musical de qualquer pessoa da comunidade, porque desde que tu nasce e vai frequentando as festas religiosas e profanas da comunidade, tu começa a ter contato com a Banda da lapa. Os carnavais do Zé Pereira, pô, quem é que não conhece? quem é que nunca participou ? né, quem nunca participou, perdeu né! porque agora a gente tá com esse problema de não poder fazer.” (DA SILVA, 2018)

O Zé Pereira era uma festa tradicional carnavalesca de caráter introdutório ao Carnaval. Tradicionalmente o Zé Pereira existe em outros lugares do Brasil, como em Ouro Preto - MG, e também em Portugal, de onde é sua

origem. A festa, resumidamente, é marcada por grupos que saem pelas ruas tocando instrumentos de percussão. Na ilha, essa festa ocorre no bairro do Ribeirão da Ilha e era uma tradição centenária, ocorrendo desde o início do século XX. Antigamente, o costume era fazer fantasias de papel, esperar a Banda passar e depois acontecer o que se chamava “joga n’água”, as pessoas entravam no mar e a fantasias se desmanchavam, ficando só a roupa de banho. Há relatos do livro Memórias e Harmonias da Banda da Lapa, de Daniel Choma e Tati Costa que ilustram essas passagens históricas:

“Chegava nessa época de carnaval, a banda saía, na rua tocando. Todo mundo ia dançar. Eu até fiz muitas vezes...saía de casa em casa combinando: vamos vestir de fantasma! Todo mundo com lençol, ninguém sabia quem era. E havia um respeito muito grande - hoje em dia ninguém pode fazer isso... Naquele tempo era nós e tá acabado! Então esperávamos na esquina ali, escondidos. Quando a banda passava a gente saía dançando, todos de branco, de lençol, numa turma de quinze, vinte pessoas, coisa mais linda. Todo mundo queria.” Anita, eterna moradora e cantora do Ribeirão. (CHOMA e COSTA, 2011)

“A banda vinha tocar e nós esperávamos ali na esquina, de lanterna forrada de papel celofane e com vara de bambu, então a gente se interessava, naquele tempo não tinha luz e a lanterna clareava tudo, a banda vinha até aqui, a gente saía de surpresa sem eles saber, tipo uma esquina dessas assim, numa turma e assim continuou muito tempo eu já tava até casada, mais a gente procurava sempre aquela turma pra fazer [...] A gente fez muitos anos isso, a banda ia tocando e nós ia na frente da banda.”

moradora do Ribeirão, 78 anos
(CHOMA; COSTA, 2011)

A Banda do Zé Pereira, formada por músicos da Sociedade Musical Recreativa Lapa, embalava e era a principal atração da festa, animando a folia por 4h de show, desde o arrastão - com os músicos no chão, em meio ao povo, tocando marchinhas - até o palco, onde se toca axé, pop, sambas e músicas do momento. Na época, o Zé Pereira acontecia de um modo diferente do que era alguns anos atrás. A festa se dava em todos os finais de semana do mês anterior ao carnaval. O costume era a Banda ensaiar na rua, usando o espaço público. A pessoas iam atrás da Banda

aproveitando. Reginaldo Oswaldo da Silva nos explica em suas memórias:

“Memórias afetivas da banda são muitas. O Zé Pereira era, pra gente, o ápice das festas de carnaval. Mesmo que depois vinha o carnaval. Lembro uma vez uma reportagem passando, inclusive no ano em que a gente fez o Apito do Agenor, na Globo News, falando sobre o Suvaco de Cristo no Rio de Janeiro, o Zé Pereira aqui no Ribeirão - naquela ocasião o Apito do Agenor participou, fizemos o bloco e também a música - e o Peixe Boi no Pará. Então, o carnaval do Zé Pereira chegava a ser a festa mais importante, mais do que o próprio carnaval. O carnaval do zé pereira era chamado de Joga N'água, a última festa do conjunto de sábados que antecipavam o carnaval. Tipo assim, o carnaval esse ano é em março, em fevereiro, todos os sábados tinha o Zé Pereira. Aí nós íamos lá pra freguesia. Vinha gente do sul da ilha todo. Naquela época, o trânsito era outro né. Hoje em dia, infelizmente, em virtude do aumento de carros circulando na rua por exemplo, inviabilizou essa festa. A rua continua sendo a mesma, mas a quantidade de moradores no sul da ilha, de carros, não permite mais fazer aquela brincadeira todos os sábados. Era todo os sábados, a gente ia lá, fazia o trajeto. Saía da sede da Banda. A

banda ia até o começo da freguesia, ali mais ou menos onde é a pracinha do Aurélio. Voltava, ia até o final, lá onde começa o asfalto da Costeira. Tinha uma casa lá que já esperava a Banda com a porta aberta. Lá a Banda entrava, tomava uma cerveja. O pessoal confraternizavam ali. Tocavam mais um samba, daqueles do bom, ali. E depois voltava, ainda, todo mundo acompanhando a Banda até a sede, quando a banda dispersava. E assim, acontecia todo o mês de fevereiro e culminar com o sábado que antecede o carnaval com o joga n'água, aquela festa maravilhosa, que daí vinha mais gente ainda, e era no domingo a tarde né.”
(DA SILVA, 2018)

Como dito Reginaldo, a festa não foi mais viabilizada por diversos fatores. No início, era somente frequentada por moradores do Ribeirão da Ilha. Depois a festa se ampliou sua visitação para a região do sul da ilha. Há alguns anos atrás, nas suas últimas edições, a festa estava concentrando mais de 10 mil pessoas nas apertadas ruas da freguesia (HENRIQUE; CARLSON, 2015). A intenção desse texto não é discutir a volta do Zé Pereira, mas mostrar sua influência histórica e cultural que divertia e marcava o Ribeirão e seus moradores nos verões passados, antecipando o carnaval.



croqui: pelo autor.

A banda do Zé Pereira “arrastando” o povo pela freguesia.

8.5 a banda e a música da ilha

Na ilha, a Banda da Lapa ocupa um lugar muito respeitado, sendo uma das três bandas centenárias ainda em atividade. Toda a influência e tradição da Banda servem de matéria prima para os artistas do Ribeirão da Ilha, local que carrega em sua história a musicalidade. A intenção desse capítulo é mostrar 3 exemplos de como a Banda está fortemente ligada à produção cultural, a poesia e a música de sua comunidade e aqueles que se aproximam do Ribeirão por paixão.

A Banda da Lapa tem um fator crucial em sua musicalidade que é a mistura entre a música branca, europeia, com a música negra, africana. A presença de escravos no Ribeirão, onde trabalhavam nos engenhos de farinha, fez com que a Banda da Lapa tivesse em sua formação muitos músicos negros, que traziam alguns elementos como a síncopa e o swing, se diferenciando assim das Bandas tradicionais de outros lugares, com apenas colonização europeia, como acontece em Blumenau com as bandas que escutamos na Oktoberfest. Reginaldo comenta um pouco

sobre essa musicalidade:

“E a musicalidade do nosso povo também foi uma fusão dos imigrantes que vieram da Europa, alemães, espanhóis, açorianos, com a presença, muito forte, da música negra, vinda da África. Porque eles se estabeleceram ali, fizeram o vilarejo. Vê que boa parte dos negros da comunidade, até hoje moram ali nas casas ainda, não abriram mão do de se sentirem parte desse patrimônio histórico, cultural, imaterial, do Ribeirão. [...] Essa coisa legal, da fusão da força da música branca europeia com a música negra que se deu no Brasil todo, praticamente todo o Brasil, e que também aconteceu aqui, da mesma forma que aconteceu no Rio de Janeiro. Que uniu a força da musicalidade negra com a racionalidade europeia da métrica da música, ou mesmo da harmonia que foi se desenvolver mais na Europa. Mas com o swing, o balanço, o molejo da música negra. Que é o que deixa nossa música ainda mais interessante. O que tornou a música da Banda ainda melhor e mais interessante foi exatamente a presença do negro. Se não tocaria só marchinha alemã e os dobrados, algumas outras coisas. Mas não iria ter a síncopa, entendeu? a coisa da ginga, que é elemento da negritude que vai colocar essa pitada de pimenta na música.” (DA SILVA, 2018)

Neste primeiro exemplo temos a música “Rua de Cima” composta por Regi Barcelos e Kalunga Heidenreich. É um música do gênero frevo, feita para o bloco da Rua de Cima, que saía no tradicional Zé Pereira. A Rua de Cima é geograficamente uma rua paralela a rua principal da freguesia, a Baldicero Filomeno. Sua função é tornar a igreja e a praça mais acessíveis. Ela é resultado de um crescimento natural da configuração “espinha de peixe” no qual é estabelecido o Ribeirão. Culturalmente ela aparece na música por seus moradores, que são personagens icônicos como a Noêmia e a Liquinha e Seu Osmarino e os Falcão, no qual suas residências configuram as extremidades da Rua de Cima. O interessante é que os compositores colocam a Banda da Lapa no primeiro verso, demonstrando sua enorme influência no carnaval ribeironense, mantendo a tradição de muitos anos.

Rua de Cima

(música e letra: Regi Barcelos e Kalunga Heidenreich)

Olha a Banda da Lapa
Mantendo a tradição
Que vem de longa data
Mexendo com o Ribeirão

Muita paz e alegria
Contagiando o povão
O Zé-Pereira é o dia
tem festa no Ribeirão

E todo ano tem o bloco de uma rua lá de cima
Essa turma eu não troco meu irmão

E todo ano lá em cima tem um bloco
Essa turma é coisa linda eu não vou deixar na mão

Da Noemia a Liquinha
Seu Osmarino os Falcão
Uma gente que é minha
Alma desse rincão

O bloco da Rua de Cima
Esbanjando alto astral
É só entrar nesse clima
Pra brincar carnaval

No segundo exemplo temos a música “Amor Eterno” também composta por Regi Barcelos e Kalunga Heidenreich, uma parceria muito frutífera para o Ribeirão. É uma bossa em todos os sentidos, desde a letra até a harmonia. A exaltação do amor ao Ribeirão, por todo os seus lugares, sua gente, sua cultura e sua paisagem natural. De novo entre todos os elementos ricos que o Ribeirão possui, a citação da Banda do Zé Pereira é colocada. Ela faz um contraponto com a padroeira, justo que nessa estrofe, o tema é a dualidade sagrado-profano.

Amor Eterno

(música e letra: Regi Barcelos e Kalunga Heidenreich)

Meu coração é teu e não é paixão de agora
foi benção que Deus me deu no romper de minha aurora.
Aos poucos te descobri, criado entre as canoas
observando aprendi o valor da alma ilhoa.

E aquela que desposar terá que amar também a beleza desse mar e
suas praias sem ninguém.

No casario açoriano, a Banda do Zé-Pereira
Andar a pé acompanhando a procissão da padroeira.
Meu Ribeirão da Ilha eu te juro Amor Eterno

Quero me perder em tuas trilhas e repousar em teu ventre materno.

O santo e o profano, a fé de uma benzedeira
um menino é soberano, Divina é a Bandeira.
Meu Ribeirão da ilha eu te juro ...

Por fim, temos outro exemplo da importância cultural da Banda da Lapa, no qual ela foi tema de uma marcha-rancho composta por Marta Magda Antunes Machado. A música concorreu no 15º concurso de músicas de carnaval, na categoria Marcha-Rancho e alcançou o segundo lugar. Nela, Marta faz um paralelo entre a Nossa Senhora da Lapa e a Banda da Lapa, no qual a Banda toca a esperança do povo em devoção a sua padroeira. Ela própria explica a origem de sua música:

“Esta composição nasceu de outra composição, ela é uma história do bem-querer entre uma pesquisadora que chega à comunidade da Freguesia do Ribeirão para ficar durante meses de trabalho, como a antropologia o exige. Desconhecida por todos, é recebida de coração aberto pela comunidade, e aí escreve com ela uma história de amor que já dura nove anos. Esta música é uma “carta” da pesquisadora para a comunidade e, particularmente, para a Banda Nossa Senhora da Lapa do Ribeirão da Ilha dirigida ao seus inúmeros integrantes, muitos dos quais já partiram e permanecem imortalizados por sua passagem na sociedade musical. De “Agenores” e de “Alécios”, as gerações passadas e as novas gerações tocam a esperança, de cuja a força brota o amor à arte e à vida! Obrigado Freguesia! Obrigado Banda da Lapa por este sopro de amor na nossa cidade...” (Marta Magda Antunes Machado, 2015)

Banda da Lapa: Um Sopro de Esperança
(música e letra: Marta Magda Antunes Machado)

Das águas mansas, surge a imagem tão suave
Negros cabelos num semblante de amor
E do brota a força de uma tempestade
Santa da Lapa abençoando a cidade!

Naquela vila vem chegando a Senhora,
Onde a gente reza e canta sua dor
Mulheres fiam rendas de muita esperança
E a rede forte lança ao mar o pescador

Banda da Lapa, a Senhora de conduz
Abrigando o teu sonho, dela o amor em ti reluz!
Banda da Lapa, s senhora de conduz
Abridando o teu sonho, seu olhar, por ti, seduz...

Na Freguesia, a Senhora faz parada
Uma casinha então se ergue à beira mar
Clamam seus filhos pelas ruas implorando:
“Vem, mãe de Deus, vem esta terra habitar!”

A Banda toca a esperança da sua gente
Junta seu povo em ardente devoção
Do som, a fé traz nova aurora à cidade
Banda da Lapa: vida da comunidade!

Banda da Lapa. o teu sonho é imortal
Vem trazendo alegre para abrir meu carnaval!
Banda da Lapa, o teu sopro é imortal
Como um manto de esperança, vem abrindo o carnaval
Hoje é carnaval!

8.6 a banda e a comunidade

A Banda da Lapa, além de ser uma instituição musical, ela é também uma sociedade recreativa, exercendo outras funções para a comunidade. Oferece espaço para a sociabilidade e acesso a cultura e aprendizado de música. Em seus mais de 120 anos de história, ela conta com um quadro atual de 30 músicos voluntários, organizados em instrumentos como flauta, clarinete, saxofones, trompete, trombones, tubas e percussão. Hoje também conta com uma formação mais moderna em sonoridade, tendo teclado, guitarra elétrica, baixo elétrico e trompas. Mais recentemente, realizou a sonorização ao vivo do filme “O Circo”, de Charles Chaplin, em parceria com o Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), evento inédito em mais de 120 anos de história. A instituição foi declarada de utilidade pública municipal pelo Decreto nº 3.767/92 de 21 de maio de 1992, e é considerada representando de suma importância na tradição cultural da Ilha de Santa Catarina (BANDA DA LAPA, 2018).

O Ponto de Cultura

Em 2009, com o projeto Educação Musical Popular, a sociedade adquiriu o status de Ponto de Cultura. Tal iniciativa viabilizou melhorias na estrutura física da sede, auxiliou na capacitação dos músicos e proporcionou um Ponto de Cultura dinâmico que explorou a tradição ilhéu, com coral para terceira idade, grupo de danças açorianas, palestras e diversas oficinas na época (BANDA DA LAPA, 2017).

“A sociedade Musical e Recreativa Lapa formam novos instrumentistas na comunidade do bairro histórico Ribeirão da Ilha desde o final do século XIX. Os moradores da antiga freguesia (um dos primeiros núcleos de povoação da ilha de Santa Catarina) cultivaram o ensino da música a partir de 1896 e, hoje, muitos têm como segundo ofício a Banda da Lapa. Instituído como um Ponto de Cultura, o projeto Educação Musical Popular parte desse saber acumulado por muitas gerações de musicistas e oferece no local oficina de instrumentos.[...] Além disso, o Ponto permite a troca de saberes entre todas as idades, sen do formado por crianças, adolescentes, adultos e idosos. Como com

-plemento, procura disponibilizar à comunidade oficinas de informática, produção audiovisual e fotografia, além de palestras semestrais e parcerias com outros grupos culturais de Florianópolis. Complementando a ação de formação cultural, a entidade realiza apresentações ao ar livre da histórica Banda da Lapa do Ribeirão da Ilha e conta com o Centro de Memória Musical, que disponibiliza o livro “Memórias em movimento”, com partituras antigas, documentários, artigos e fotografias, no site: cameraclara.org.br/memoriamusical (FLORIANÓPOLIS, 2015).

A Escola da Banda

A Banda ensina música desde a sua fundação, em 1896. Nesses 120 anos de história, promoveu a formação de novos músicos através dos próprios integrantes mais experientes, de geração em geração. É o sentimento de reciprocidade e gratidão proporcionado pelas oficinas oferecidas gratuitamente o que garante a continuidade da Banda no tempo: parte dos atuais alunos serão futuros músicos e mantenedores da banda, ajudando na formação de quem, mais tarde, pode também ingressar na iniciativa.

Atualmente, a Escola de Formação Musical da

Sociedade Musical e Recreativa Lapa abre anualmente inscrições para as oficinas gratuitas de formação musical a todas as pessoas interessadas em aprender. Os estudantes que concluem o curso inicial de alfabetização musical recebem emprestado um instrumento e passam a ter aulas práticas com os instrumentistas mais experientes da banda, num círculo virtuoso de renovação de seu quadro. Nos últimos 10 anos, a banda capacitou mais de 150 alunos apenas em seus cursos de formação teórica, sendo que no presente momento atende a 18 aprendizes.

“Sempre dizia para os rapazes: hoje vocês são aprendiz, amanhã vocês são maestro. Vai ter que ensinar para os outros tudo que aprenderam. E assim foi a minha função. Foi ensinar, ensinar, ensinar tudo que eu sabia. Quando eu não sabia, vinha aqui no exército pedir ao maestro, esqueci o nome dele, para ir lá no Ribeirão ensinar os aprendizes. Mas eu também aprendi.” (HEIDENREICH, 2018)



Formatura e entrega de instrumentos para a turma de teoria e percepção musical de 2018.

Fonte: acervo da Banda da Lapa

9. considerações finais

9.1 o lugar e a Banda

Fica evidente o fato de que o espaço, o tempo e o lugar são responsáveis, em igual proporção, tanto pela cultura quanto o próprio homem, que é o ser produtor de cultura. Para confirmar ainda mais o atributo cultural que o espaço e o lugar proporcionam, entidades ou instituições com base cultural e de longa permanência estão implantadas em locais como as Freguesias, onde há um suporte histórico e um lugar rico em urbanidade.

Além do mais, tal instituição, que se apoia na riqueza cultura do lugar, contribui para a preservação da paisagem cultural. Ela consegue, através de sua influência, atrair a atenção dos moradores locais, mudar suas realidades e histórias. Ter essa entidade, é importante para entender o contexto da comunidade na qual está inserida, com a sua peculiaridade e importância. São capazes de ajudar a entender a importância do patrimônio cultural na freguesia do Ribeirão, protegendo junto dos moradores estas atividades, ajudando assim a entender o espaço, o tempo e o lugar do Ribeirão da Ilha.

O Ribeirão da Ilha e a Banda da Lapa são dois objetos inerentes. Sua longevidade, de mais de 120 anos se deve ao papel educacional dos próprios músicos voluntários. A Banda já está na memória coletiva da população, principalmente do sul da ilha. O que leva a crer que, quão sensível é a entidade quando ela está na memória coletiva, se tornando assim um patrimônio imaterial, ainda que não seja de fato um patrimônio no sentido legal.

Manter as tradições ilhoas, ter amor a comunidade e principalmente, ter em sua grande maioria população nativa ou descendentes, faz com que o solo do Ribeirão se tornasse rico culturalmente. É a Banda, ela também acaba trazendo para si um pouco disso, porque ela foi criada com o genius locci deste lugar, que é banhado por essa cultura, que veio dos antepassados, mas que foi sendo mantida pelas gerações que foram vindos. Talvez uma Banda com essa característica não se mantivesse se o lugar e o espaço geográfico fosse sendo renovado por pessoas que não tivessem ligação nenhuma com a cultura.

Arrisco afirmar que em algum momento da his-

-tória, e no Ribeirão da Ilha, surgirria uma banda de música. Seu Alécio introduz esse assunto com precisão:

“A primeira banda no Ribeirão surgiu, foi em 1870. Nossos avós se sentavam na calçada para cantar, com cavaquinho, violão e pandeiro. Então, um dia, um diz assim: ‘que bom para a gente criar uma banda’. Aí todo mundo achou graça...criar uma banda...mas ideia foi crescendo. E não sabemos nem onde conseguiram o instrumental, velho já. Então foi criada a Sociedade Musical Amantes do Progresso, em 1870. Mas aí os instrumentos eram velhos, que eles consertavam os buraquinhos com cera de abelha. Aí no fim tinha tanta cera nos instrumentos que o pessoal chamava a Banda da Cera. [...] Aí uma época, a banda não teve mais condição de tocar, nossos avós em uma festa da Nossa Senhora da Lapa, vendo a banda em uma situação difícil né, aí em vez de ajudar aquela banda...não existia fabricação de instrumentos no Brasil, então os instrumentos eram fabricados na Alemanha. Então nossos avós em vez de ajudar aquela, fundaram uma outra, no dia da festa de Nossa Senhora da Lapa, em 1896. Aí fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa. Hoje tem outro nome. [...] O Ribeirão ficou com duas bandas: Amantes do Progresso, que chamavam Banda da Cera e a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa.” (HEIDENREICH, 2018)



A banda acompanhando a procissão de Nossa Senhora dos Navegantes

Croqui: pelo autor.

9.1 potencial patrimônio cultural imaterial do município

Talvez essa ideia de tentar um processo de registro de patrimônio Imaterial das Bandas Centenárias já foi algo pensado por alguém, ou já estivesse nos planos da Fundação Franklin Cascaes. Mas vale dizer que como a ideia amadureceu e de como as pessoas foram abraçando-a, junto comigo.

Em meio aos estudos para o trabalho de conclusão de curso e um artigo realizado sobre a Banda da Lapa, fui impulsionado ainda mais pelas aulas de patrimônio do professor Dalmo Vieira Filho - que viria a ser meu orientador depois do Luiz Eduardo Fontoura, que me orientou e ajudou a deixar o terreno teórico pronto. Me perguntei sobre a validade de registrar esta entidade de mais de 120 de trabalho voluntário. Com as pesquisas em andamento, vi que seria extremamente importante para a cultura florianopolitana, tanto para reconhecimento como para continuidade destas Bandas. Fui à Casa da Memória inúmeras vezes. Conversei com diversas vezes com a Josete Vicentini, técnica da Casa da Memória, e algumas vezes com a

Roseli Pereira, atual superintendente da fundação Franklin Cascaes. Ambas me encorajaram.

Em um certo momento, depois de ter todas os itens necessários para o início do processo, fui à Casa da Memória novamente e me disseram para tentar fazer isso com as outras bandas centenárias da ilha. Me prontifiquei e deram-me o telefone do Seu Nélio, presidente da Sociedade Musical Amor à Arte. Rapidamente expliquei o que precisávamos em um telefonema. Nos encontramos duas vezes e ele foi extremamente atencioso e ágil, conseguiu tudo o que precisávamos para dar início ao processo de registro de sua banda também.

Depois disso iniciei um trabalho de organização dos materiais, que incluíam centenas de fotos, vídeos, livros, jornais e documentos burocráticos. Realizei isso para a Banda da Lapa, com o apoio dos músicos e da diretoria, em especial ao Wellington Correa e Valéria Martins, e agradecer a confiança do Presidente da Banda da Lapa José Carlos Correa. Para a Amor à Arte, auxiliiei o Seu Nélio, com os materiais e a organização do dossiê deles. O pedi-

do foi realizado no dia 16 de maio de 2019, individualmente para cada banda. A previsão de análise foi dada até dezembro, no mais tardar, pois são feitas em ordem de chegada.

Além disso, eu em conjunto de Seu Nélio, escrevemos juntos o texto de justificativa, intitulado “Pelos Bandas Centenárias da Ilha”. Tentar justificar um trabalho tão grande, que permeia mais de 100 anos em nossa cidade é uma tarefa complicada, mas também é prazerosa e repleta de bons frutos. As Bandas Centenárias civis da Ilha desenvolvem entre alguns trabalhos, dois que merecem ser evidenciados pela sua nobreza e função social: a participação nas festividades culturais e o ensino da música.

A matéria prima das bandas é a música. Não cabe aqui discutir o que é a música e sua importância - que são muitas e essenciais - mas cabe dizer sua função em algumas situações onde estas Bandas tem suas atividades pausadas. Acompanhamos as festividades tanto da igreja católica quanto as do carnaval. Estas procissões e arrastões fazem parte da história e da cultura de Florianópolis e cabe

às Bandas centenárias produzir a trilha sonora, tanto de nossa devoção e fé quanto da alegria e folia dos carnavais de rua.

O outro trabalho realizado é o ensino da música e seus reflexos. As Bandas realizam esse trabalho desde o início de sua fundação e é um dos grandes motivos da continuidade destas sociedades há mais de 120 anos. Não é cobrado nenhuma mensalidade pelas aulas, e ainda por cima, são emprestados os instrumentos para os estudos. Todas as Bandas Centenárias da ilha trabalham desta forma. Seu Nélio nos diz: “Quantas crianças que a gente tirou da rua e que aprendeu música e que foram para essas bandas militares fazer seu futuro.” Além da dimensão artística e expressiva da música, estas entidades ensinam uma profissão, onde praticamente dão tudo o que o músico precisa: aulas de teoria musical, técnica, práticas em conjunto, leitura de partituras e cifras, além de valores morais como respeito às diferenças, admiração ao patrimônio cultural que a ilha tem, organização e pontualidade. E ainda mais, algo que é muito importante, inserem o músico no meio cultural da cidade.

As Bandas possuem uma dimensão sociocultural riquíssima para nossa cidade, são encarregadas de funções nobres, fazendo com que sua música ambiente a fé e a alegria das pessoas que as acompanham e abraçam os sonhos daqueles que querem aprender música, dando uma profissão e um caminho a ser trilhado de forma gratuita e voluntária.

REGISTRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL PROCEDIMENTOS PASSO A PASSO

RESUMO DO REQUERIMENTO

O requerimento para a instauração do processo administrativo de registro será apresentado pelo Prefeito Municipal, pelas instituições vinculadas à PMF, pelos seus órgãos e colegiados, Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis, pela Câmara Municipal de Florianópolis, associações civis ou pela população geral. Este requerimento será sempre dirigido à Secretaria Municipal de Cultura de Florianópolis – que o encaminhará à FCFEC.

O requerimento deverá vir acompanhado das seguintes informações e documentos que vão dar o start na instauração do processo de registro:

- 1 – listagem detalhada dos documentos existentes no Requerimento p/ processo de registro do bem cultural;
- 2 – identificação do proponente;
- 3 – justificativa;
- 4 – denominação e descrição sumária do bem proposto para registro, com indicação da participação e/ou atuação dos grupos sociais envolvidos (onde ocorre, ou se situa, período ou firma em que ocorre, personagens simbólicos envolvidos);
- 5 – histórico básico;
- 6 – documentação complementar: fotos, desenhos, audiovisuais identificados;
- 7 – bibliografia de referência;
- 8 – declaração formal dos membros da comunidade produtora do bem, expressando a representatividade, amplo interesse e atuação, na instauração do processo de registro;
- 9 – documentação que informe a propriedade do imóvel quando se tratar de registro de lugar.

RESUMO DA INSTRUÇÃO TÉCNICA

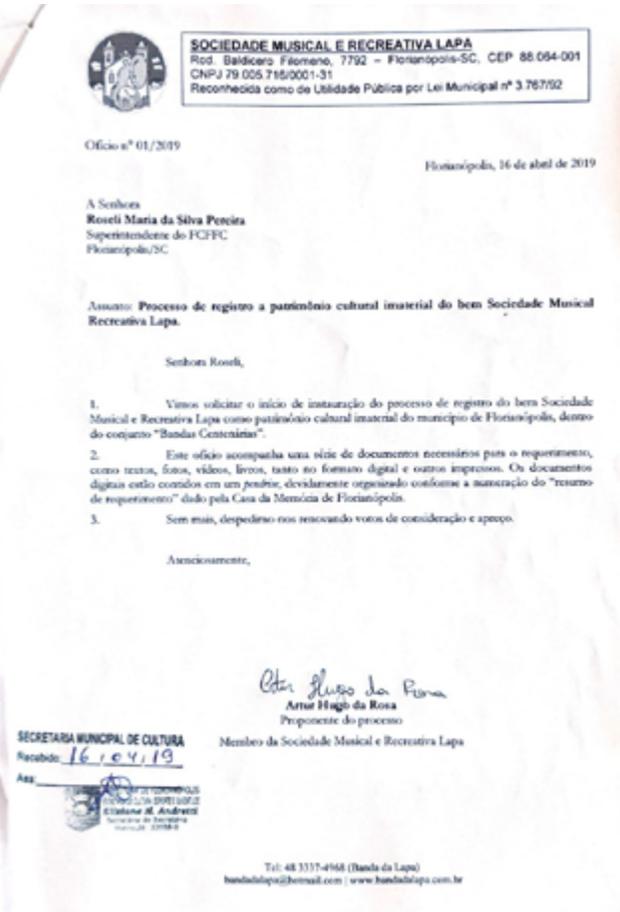
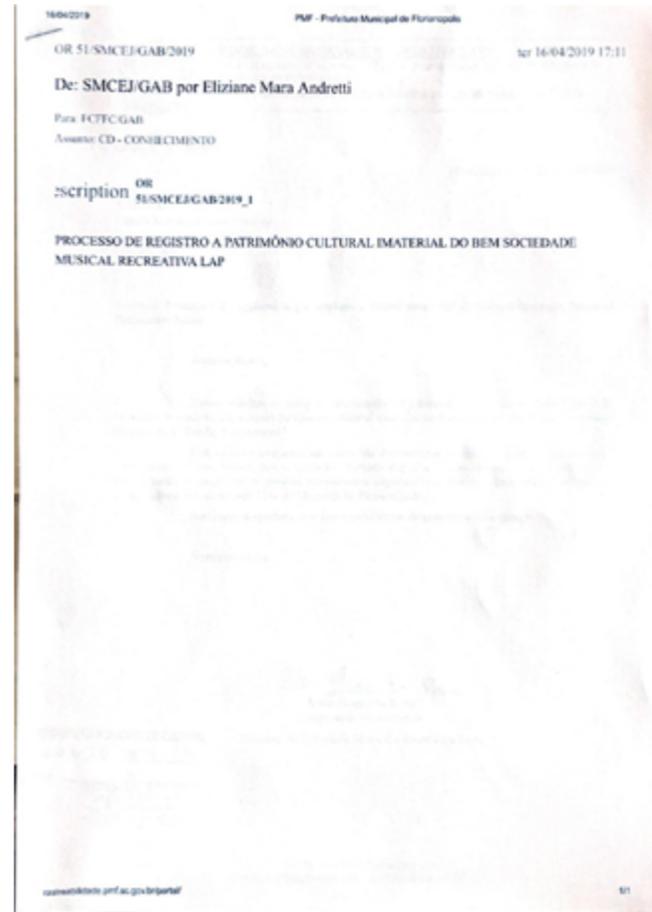
A partir da avaliação da pertinência do pedido, será iniciado o processo de registro, produzindo-se com uma documentação ampliada a chamada Instrução Técnica, com:

- I – descrição pormenorizada do bem: (sua complexidade, atores, significados, processos de produção, circulação e consumo; contexto cultural específico, circunstância de autoria e propriedade, etc.);
- II – referências à formação e continuidade histórica do bem, suas transformações ao longo do tempo;
- III – espaço, meio físico, paisagem natural, construída e humana onde a manifestação ocorre;
- IV – produção de registros audiovisuais;
- V – resumo de publicações;
- VI – avaliação das condições em que o bem se encontra; riscos à continuidade;
- VII – proposição de ações p/ salvaguarda.

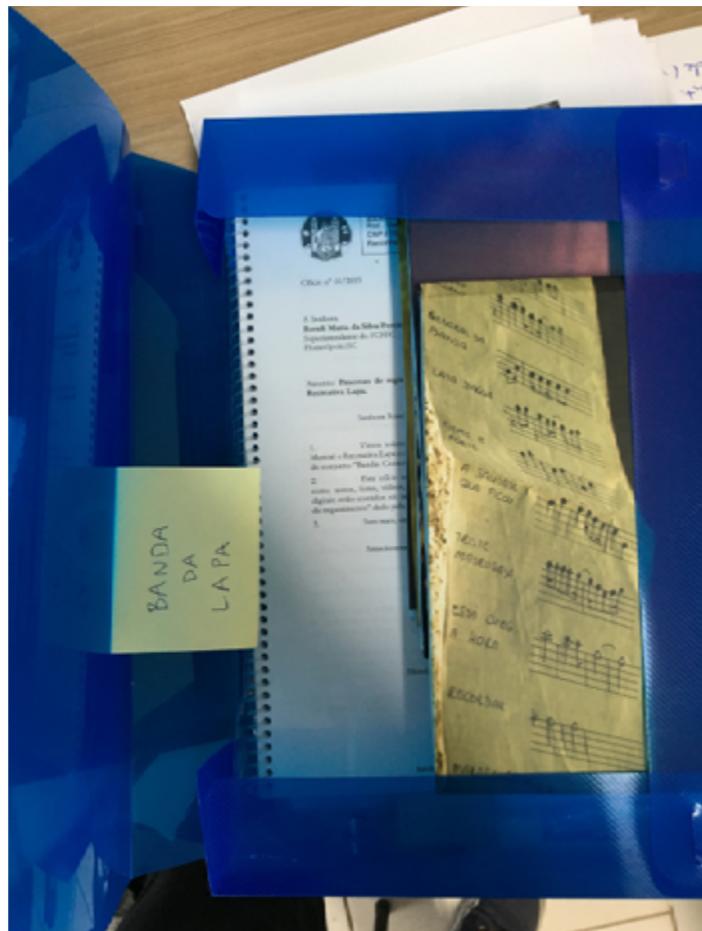
Obs.: Se o proponente não possui condições técnicas de documentação dos documentos, caberá à FCFEC solicitar ao Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis apoio ao proponente (inclusive de especialistas autônomos).
Haverá mençãoção dos bens registrados, mediante comissão específica.
Caso parecer favorável e bem não esteja em livro correspondente e receber o Título de Bem do Patrimônio de natureza Imaterial do Município de Florianópolis e divulgado em Diário Oficial.
Livros de Registro: CTEBRAÇÕES, SABERES, FORMAS DE EXPRESSÃO, SÍTIOS E ESPAÇOS.

Lista de documentos que a Fundação Franklin Cascaes solicita para o start.

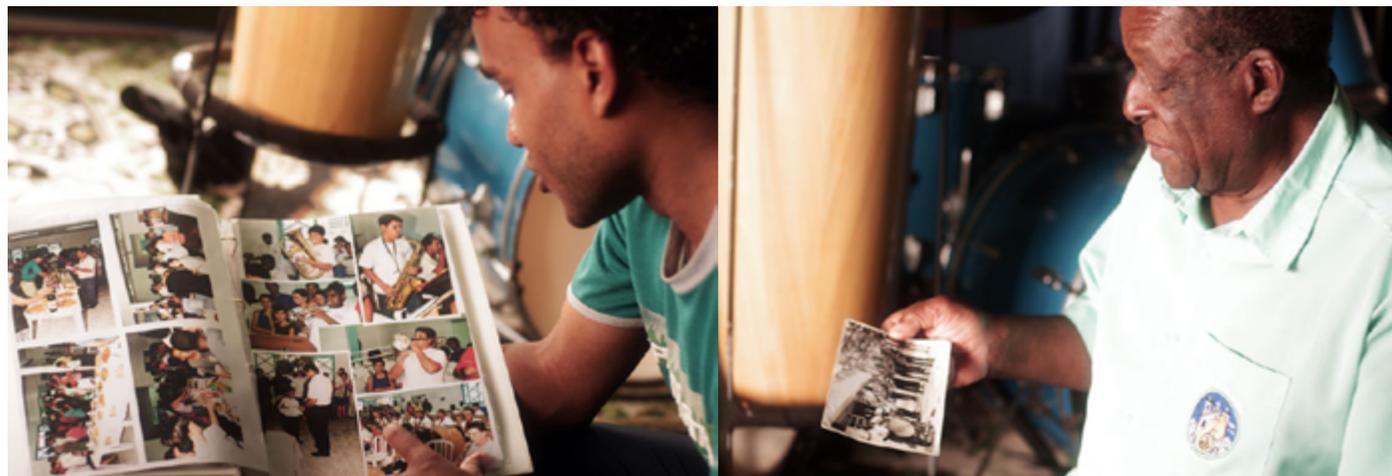
Protocolo e ofício do início do processo de registro.



Dossiê organizado e entregue na fundação.



Eu e seu Nélio durante as organizações dos documentos de início do processo.
Fonte: acervo pessoal



Seu Dedinha e Hilton mostrando - e se emocionando - as memórias da Banda para o documentário Memórias e Harmonias da Banda da Lapa, de Daniel Choma e Tati Costa, 2011.

Fotos: Daniel Choma

10. referências

10.1 bibliográficas

ALVES, Joi Cletison (Org.). **Colóquio NEA 30 Anos de História: Preservando a herança cultural açoriana em Santa Catarina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2016. 420 p.

AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. 9. ed. Campinas: Papyrus Editora, 2012. 112 p.

BRASIL. Arq. Dalmo Vieira Filho. Iphan (Org.). **As Freguesias Luso-Brasileiras na Região da Grande Florianópolis**. [s.l]: Iphan, 2015. 187 p.

CHOMA, Daniel; COSTA, Tati. **Memórias e Harmonias da Banda da Lapa**. Florianópolis: Câmera Clara, 2011.

DE CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FARIAS, Vilson Francisco de. **A Freguesia de Enseada de Brito - Evolução Histórico-Demográfica no Período de 1778 a 1907**. 1980. 292 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1980.

HARVEY, David (1992). O pós-modernismo na cidade: arquitetura e projeto urbano. In: **Condição Pós Moderna**. São Paulo: Edições Loyola.

HEIDENREICH, Alécio (1991). **O Ribeirão da Ilha e suas Bandas**. In: “Ribeirão da Ilha vida e retratos: um distrito em destaque”, de Nereu do Vale Pereira e Francisco do Vale Pereira (Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1991. 502p.)

HENRIQUE, Fabiana; CARLSON, Victor Emmanuel (Org.). **Carnaval Catarinense e suas Cidades: Prestígio Nacional**. Florianópolis: MaisSC, 2015. 152 p.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 254 p.

LEITE, Rogerio Proença. **Contra-usos e espaço público: notas sobre a construção social dos lugares na Manguetown**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, [s.l.], v. 17, n. 49, p.115-134, jun. 2002. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000200008>.

MONTANER, Josep Maria; MUXI, Zaida (2014). **Introdução. Arquitetura e política: ensaios para mundos alternativos**. São Paulo: Gustavo Gili, pp. 13-24.

NÓR, Soraya. **PAISAGEM E LUGAR COMO REFERÊNCIAS CULTURAIS RIBEIRÃO DA ILHA - FLORIANÓPOLIS**. 2010. 229 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **O fenômeno do lugar**. In: NESBITT, Kate (Org.). Uma Nova Agenda Para <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-69092002000200008>.

PEREIRA, Nereu do Vale; PEREIRA, Francisco do Vale; SILVA NETO, Waldemar Joaquim da. **Ribeirão da Ilha Vida e Retratos: Um distrito em destaque**. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. 96 p.

YUNES, Gilberto Sarkis (Org.). **Uma Ilha de Paisagens Culturais e Espaços Museográficos**. In: CASTELLS, Alicia Norma Gonzáles de; NARDI, Leticia (Org.). Patrimônio Cultural e Cidade Contemporânea. Florianópolis: Editora Ufsc, 2012. Cap. 7. p. 123-142. (Urbanismo e Arquitetura da Cidade).

10.2 entrevistas

CORREA, Wellinton. **O Bairro do Ribeirão da Ilha e a Banda da Lapa com patrimônio cultural**. Florianópolis, sede da Sociedade Musical Recreativa Lapa, 9 jun. 2018.

DA SILVA, Reginaldo Oswaldo. **Suas composições, o carnaval e a importância da Banda da Lapa para a comunidade**. Florianópolis, Ribeirão da Ilha. 30 nov. 2018.

HEIDENREICH, Alécio. **O Ribeirão da Ilha e suas Bandas**. Florianópolis, casa do entrevistado. 21 jun. 2018.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Ribeirão da Ilha, sua importância histórica e patrimonial**. Florianópolis, Pousada do Ecomuseu. 14 jun. 2018.

SILVA, Marilei Maria da. **A Banda da Lapa e sua participação em procissões religiosas**. Florianópolis, Escola de Aplicação da UFSC. 03 dez. 2018.

10.3 sites

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF, Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 26 maio 2018.

BANDA DA LAPA: UM SOPRO DE ESPERANÇA. Intérpretes: Débora Machado. Música: Marta Magda Antunes Machado. Florianópolis: Renata Apgaua Britto, 2015. (11 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=V5hpaMiFm9k>>. Acesso em: 21 jan. 2019.

CONEVA, Ada. **A imigração açoriana para o Brasil meridional**. In: PRÊMIO IBERO-AMERICANO, Não use números Romanos ou letras, use somente números Arábicos., 2010, Praga. A imigração açoriana para o Brasil meridional. [s.l.]: Prêmio Ibero-americano, 2009. p. 1 - 28. Disponível em: <http://www.premioiberoamericano.cz/documentos/15taedicion/3erPremioXV_AdaConeva.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2018.

GOMES, Cláudia Ávila. **O açoriano e a sua relação com a ilha e com o mar**. 2018. Disponível em: <<http://tribunadasilhas.pt/index.php/opiniao/item/14462-o-acoriano-e-a-sua-relacao-com-a-ilha-e-com-o-mar>>. Acesso em: 18 jun. 2018.

11. anexos



Wellington Carlos Correa
36 anos, historiador, regente da Banda da Lapa,
sargento músico da Base Aérea de Florianópolis.
Morou a vida toda no Ribeirão da Ilha.

O que é o ribeirão da Ilha, pra ti ?

“ O Ribeirão da Ilha representa pra mim boa parte do que eu sou né, porque minha família é daqui, minha esposa que conheci é daqui, as atividades que eu faço giram em torno do Ribeirão da Ilha, até a base aérea onde eu trabalho fica próximo. A banda que eu toco é do Ribeirão da Ilha. A formação que eu tive, musical, provém dessa banda que é do Ribeirão da Ilha. Esse ambiente natural de praia, de mar, isso tudo aí faz parte da minha vida e o Ribeirão representa praticamente todas estas atividades que eu desenvolvo. Então pra mim, o que o Ribeirão da Ilha é ? Ele é um bairro que eu tenho um grande apreço, que se eu um dia vier a residir em outro lugar, ainda pretendo retornar aqui, como se fosse um lar pra mim. É um bairro onde eu tenho minha família, boa parte dos meus amigos, então, é onde eu tenho minha vida social.”

Quais os locais dentro do Ribeirão da Ilha que consideras especiais?

“Os locais aqui que eu considero mais especiais é a banda de música, a banda da lapa, que foi onde eu comecei minha formação musical. As praias do ribeirão, que eu passei boa parte da minha infância. Sempre frequentava a Caieira da Barra do Sul, a Costeira do Ribeirão. A própria arquitetura do ribeirão, que é uma arquitetura histórica também, que é bem antiga e é diferente. Quando vamos para outros lugares, o pessoal sempre comenta: ‘Ow, lá é um lugar bonito, tem aquelas casas que são coladinhas’ Então a freguesia é um local muito especial ? “Sim, a freguesia do Ribeirão, que é onde ta a sede da banda né e talvez até tenha influenciado para eu ter estudado História depois, acredito que isso aí tenha influenciado bastante. Como aqui é um bairro que tem essa característica histórica, a gente que mora aqui começa a ter essa curiosidade de querer conhecer mais, saber mais um pouco sobre a história do bairro e tal. E ai minha formação em história provém disso.”

Como o Ribeirão influencia na tua produção ou na tua inserção cultural ?

“Bom, eu não componho, eu não sou compositor. Eu sou um músico instrumentista, que toca e interpreta músicas. A parte artística mais voltada para execução eu acho que a linguagem que eu aprendi aqui, a linguagem musical aqui da Banda até hoje me acompanha. Apesar de eu ter desenvolvido também outras linguagens musicais durante a minha vida, durante a minha carreira. Mas aqui, com certeza, foi onde eu mais aprimorei, mais eu ainda tenho característica, dessa música e do que eu aprendi aqui. O ribeirão na minha vida cultural representa uma fonte de inspiração né, porque pra gente a onde vai sempre carrega um pouco do bairro né, vai ficar imaginando ali o lugar onde a gente nasceu, cresceu, teve a vida social. Então a minha vida cultural foi formada nesse local. Carrego muito do Ribeirão da Ilha na música que eu interpreto. As vezes eu escrevo, gosto de escrever uma coisa assim de, uma narrativa, gosto de escrever né. Um conto, alguma coisa. Ou mesmo os trabalhos acadêmicos que a gente realiza sempre

o ribeirão ele tá dentro dessa perspectiva né. A gente sempre procura trazer a Banda, o Ribeirão da Ilha. O meu TCC também foi sobre a Banda da Lapa. A minha dissertação de mestrado era sobre o Luiz Henrique Rosa, mas querendo ou não o Luiz Henrique Rosa também teve uma ligação aqui com o Ribeirão, então também procurei colocar isso aí no trabalho. A cultura que existe aqui no Ribeirão, está dentro dele e sempre buscando conhecer mais sobre essa cultura ribeironense.”

Isso até já responde a próxima pergunta que era como ele influencia na tua vida.

“Sim é, o bairro influencia bastante na minha vida. Porque por exemplo, adolescência o cara frequentava os clubes que tinham aqui, antigamente tinha o Ribeirão, que era um clube bastante conhecido e depois fechou. O Bandeirante, o próprio Bandeirante era um clube que também frequentava. O próprio bairro tem a sua vida social e ele influencia dessa maneira né. Ele é um bairro que tem essa influência cultural, ao mesmo tempo que a gente se volta a estudá-lo. E também é um bairro que nos permite aprender

muito com as coisas que tem aqui dentro do bairro.”

Tu achas que o Ribeirão tem alguma coisa que proporciona ele ter essa vida e produção cultural tão grande? Será que é a paisagem, o lugar?

“Acredito que sim, a paisagem natural que é muito bonita. A própria paisagem arquitetônica que também proporciona isso daí. A cultura, mesmo, imaterial que tem aqui e desde cedo começa a ter contato. A gente tem aqui o Boi-de-mamão, as danças de roda que a gente ouve a nossa vó falar, o carnaval do Zé Pereira, o terno de reis, a festa do divino, isso tudo aí faz com que o Ribeirão forneça essa matéria prima pros artistas fazerem suas peças, suas composições né. Então nesse sentido que eu acredito que o Ribeirão ele tenha grande influência sim, por ter essa quantidade grande de artistas e influencia o trabalho deles com certeza. A gente percebe aí na música do Reginaldo e do Kalunga, o próprio Hemerson quando toca ali o trombone dele, a gente vê que é um músico que é daqui, então eles conseguem transportar isso para música, eles conseguem colocar isso daí e tantos outros artistas que compõem e

que a gente vê que tem uma ligação clara com o bairro.”

Pra ti, o que é a Banda?

“A banda pra mim é a minha formação, é onde eu tenho um grande laço de amizades, que tive durante a minha vida. É a minha formação musical. A minha família hoje é praticamente toda envolvida com a banda. Meu pai também faz parte da diretoria da Banda. A minha esposa também toca na Banda. Então a banda passa, como o seu Alécio diz, ela é uma grande família né. Ela é uma instituição, mas essa característica dela de instituição, ela não é assim totalmente impessoal, que a gente vem aqui e só tem contato com a instituição. A própria instituição é uma família né. Ela cria esses laços de amizade. A música faz isso daí né. Ela cria esse ambiente né. A gente se expressando numa linguagem comum, a gente acaba tendo gostos parecidos, e aí a gente acaba criando ali um vínculo social mesmo. A Banda proporciona isso daí. A Banda pra mim é isso daí. É um local que eu tenho assim, como se fosse minha casa. Que é um ambiente que a gente se sente à vontade. Tem a nossa família né, que são os músicos né. Pra

mim a Banda representa isso daí. Como se fosse a minha casa. Que eu tenho as pessoas que eu gosto e que eu gosto de estar à vontade. A gente sempre quer que as pessoas estejam a vontade.”

E a Banda pro Ribeirão, o que ela representa ?

“A Banda dentro do Ribeirão, acho que ela tem uma função de proporcionar educação musical. Ela tem essa finalidade cultural e educacional né. A banda tem essa vocação muito grande de formação. Muitas pessoas que passaram por aqui conseguiram uma profissão, assim como eu. Foram tocar em bandas militares, em bandas civis, em orquestras, em bandas de conjuntos musicais, assim, grupos de toda ordem. Então essa vocação que a banda tem de formação é muito presente. Além disso, eu vejo a Banda como uma das principais atrações artísticas aqui do Ribeirão. Então a Banda tem essa finalidade voltada à educação e além disso ela é uma atividade artística que é desenvolvida aqui e tem o respeito dos moradores do bairro, porque é uma atividade artística antiga que tem aqui e que tem muitas pessoas se sente orgulhosas de terem uma

banda aqui. A Banda tem esse papel de animar as festas. Antigamente o papel até, talvez fosse maior, porque não tinha a parte eletrônica, esse desenvolvimento tecnológico que tem hoje né. Então talvez o papel dela fosse maior nesse sentido né. Então ela tinha que tocar, como a gente vê nesses comentários dos mais antigos, de ser a única atração às vezes, das festas e tal. Mas mesmo a gente vê que ela se manteve no tempo e mesmo não tendo esse papel tão de protagonista como era antigamente, mas ela ainda se mantém em atividade e assim, ela é uma atração artística do Ribeirão e as pessoas gostam que ela esteja presente nas festas locais. Também ficam animados quando veem ela em outros bairros, em outras cidades. Querendo ou não é o nome do bairro que vai junto com a Banda. 'Pô, é a banda do Ribeirão'; 'a Banda da Lapa é a banda do Ribeirão'; 'Pô, vamos lá assistir'; 'vai tocar no centro'; 'vai tocar em Santo Antônio'. Tem gente que faz esse deslocamento para assistir a Banda, que é legal né. São pessoas que tem amor a Banda. Até porque a Banda tem essa conotação, ela tem esse papel formador, de trazer formação musical, de educar, muitas pessoas do bairro se sentem muito gratas pela instituição. Por terem tido, as vezes, um pai que tocou

na Banda, um sobrinho, um filho. Então elas fazem esse papel. Acompanham a Banda. Tentam manter a Banda em atividade, às vezes se associando, às vezes participando de uma apresentação, do jeito que elas conseguem elas tentam dar essa contribuição. E é muito importante porque a Banda, ao mesmo tempo que ela tem se mantido por tanto tempo, ela tem que continuar se mantendo. Pra acontecer isso ela tem que ter sincronia entre o que ela presta de serviço para a comunidade e o que a comunidade consegue contribuir com a Banda. Porque se não houvesse essa simbiose de...a Banda pode, a gente espera que não, se manter não vai acontecer isso, mas acabando esse laço a Banda acabe. Ela depende do bairro assim como o bairro depende dela."

Falasse que a Banda carrega o nome do bairro. Tu acha que ela poderia existir sem o Ribeirão, ou o Ribeirão sem a Banda?

"A Banda, como ela tem muito presente essa questão do bairro, que ela tanto quando sai representa o bairro, quanto as pessoas que estão aqui tem esse vínculo com a Banda, eu não consigo ver a Banda fora do Ribeirão da

Ilha. Até porque ela já tem essa conotação da Banda do Ribeirão. A Banda da Lapa, a Banda do Zé Pereira, são títulos que a Banda foi recebendo durante esse tempo aí e que estão bem ajustados com o bairro né. Com o lugar onde ela está inserida né. Nesse sentido, eu não vejo ela em outro lugar que não fosse aqui. E até nesse aspecto aí, ela tem esse aspecto de ter se formado aqui e porque que ela não foi se formar em outro bairro ? Ela se formou aqui por questões históricas e culturais. A gente vê vários bairros por aí que não tem uma banda. No centro da cidade tem a Amor à Arte, tem a Comercial, que são bandas também centenárias. Mas a gente não tem bandas, por exemplo no Pântano do Sul, em Santo Antônio de Lisboa, no Pantanal, na Trindade, que são bairros que também tem atividades artísticas mas não desenvolveram uma banda. Então essa questão leva a crer que o desenvolvimento dela só poderia ter sido aqui [Ribeirão da Ilha].”

Acho que é isso Wellington!

“É isso aí meu amigo!”

CORREA, Wellington. O Bairro do Ribeirão da Ilha e a Banda da Lapa com patrimônio cultural. Florianópolis, sede da Sociedade Musical Recreativa Lapa, 9 jun. 2018.



Reginaldo Oswaldo da Silva
49 anos, músico de nascença
Morou no Ribeirão, desde sempre.

Estou mais na parte de patrimônio agora. Estou escrevendo sobre a banda no espaço público. Sobre o lance dela tocar na rua, tocar carnaval e tocar procissão. O sagrado, o profano, e ela participar de tudo aquilo ali que envolve o Ribeirão da Ilha. E sobre a paisagem do Ribeirão, se a Banda pudesse nascer em outro bairro e não no Ribeirão. Tuas músicas às vezes citam a Banda. Tem a “Rua de Cima” que cita, tem o “Amor Eterno” que também cita a Banda do Zé Pereira.

“Tem o ‘Apito do Agenor’ que é um samba. Deixa eu ver se tem mais alguma que cita a Banda, acho que as principais são essas aí.”

Eu acho super rico a Banda poder influenciar na sua produção cultural, nas suas composições, porque mostra que ela é um objeto muito importante pro Ribeirão e, consequentemente, pra tua vida.

“Ela é importante pra música de Florianópolis, entendeu? Porque ela fica entre as três bandas centenárias que ainda estão em atividades e ela ela nasceu no Ribeirão

porque ele sempre teve uma vocação musical muito própria da comunidade. Meu bisavô por exemplo, Sebastião Barcelos, ele era compositor, músico, professor, ele é até muito lembrado, as pessoas até falam: Ah porque o Ribeirão da Ilha não trás o nome, ou a via não é chamada, ou setORIZADA e homenagear o Professor Sebastião Barcelos, Marcelino Dutra, ícones da comunidade, que foram escritores, professores, músicos, e que já faziam florescer a cultura, desde o século 19. Sebastião Barcelos, meu bisavô, ele compunha dramas, comédias, e apresentava na Freguesia do Ribeirão, aqui no alto Ribeirão, no Bandeirantes, no início do século passado.

E a Banda da Lapa, é uma presença viva na memória musical de qualquer pessoa da comunidade, porque desde que tu nasce e vai frequentando as festas religiosas e profanas da comunidade, tu começa a ter contato com a Banda da lapa. Porque os carnavais do Zé Pereira, pô, quem é que não conhece? quem é que nunca participou? né, quem nunca participou, perdeu né! porque agora a gente tá com esse problema de não poder fazer. Mas as festas do Divino, festa da Padroeira, os padroeiros das co-

munidades vizinhas, sempre foram visitados pela Banda da Lapa, para tocar as procissões, e fazer o repertório (Retreta), depois e durante as festividades, a banda sempre se apresentou com esse caráter.

Então, é muito forte a presença da Banda na vida das pessoas da comunidade do Ribeirão da Ilha. E a musicalidade do nosso povo também foi uma fusão dos imigrantes que vieram da europa, alemães, espanhóis, açorianos, com a presença, muito forte, da música negra, vinda da África. Porque eles se estabeleceram ali, fizeram o vilarejo. Vê que boa parte dos negros da comunidade, até hoje moram ali nas casas ainda, não abriram mão do de se sentirem parte desse patrimônio histórico, cultural, imaterial, do Ribeirão. Eles estão ali ainda, com seus filhos e netos. Não venderam suas casas, que legal isso! Famílias ali como a família do seu Nerto, família do Seu Agenor, do Osmarino, estão por ali ainda mantendo viva essa chama, através de filhos e netos, eles ainda estão ali para contar um pouco dessa história. E também isso aconteceu, numa das músicas que a gente escreveu, que foi o “Coqueiro Rei” eu em parceria com o Kalunga, fizemos para homenagear um pouco da

negritude do Ribeirão da Ilha. O coqueiro é como se fosse um símbolo da resistência. E aquele coqueiro que tá lá na frente da praça da matriz é tão velho que o pai do Kalunga conta pra ele que já o pai dele, os avós, falam que aquele coqueiro servia de tronco para amarrar os negros, no período em que eles eram às vezes castigados. Então, tem um significado muito especial o “coqueiro rei”, tá lá na frente da praça, fica ali no terreno dos Sérgio Corler, da Família do kalunga também, que é um cara muito importante para esse processo das minhas músicas, por ser filho de um dos últimos construtores de baleeira ainda vivo na ilha, Seu Alécio, que também foi um dos grandes incentivadores da Banda da Lapa, que conta muito bem essa história da Banda da Cera e a Banda da Lapa, a fusão da banda dos negros e dos brancos, no tempo ainda em que havia essa divisão. Onde havia o baile dos brancos e o baile dos negros. Aí o cara era cafuso, não podia entrar nem num baile, nem no outro. (Risadas) Foi o caso que aconteceu com o Jangadeiro, um amigo nosso aqui da comunidade, que foi no baile dos brancos e eles disseram que ele não podia entrar, e foi no dos negros e foi barrado. Acabou não entrando nem num, nem noutro. Imagina né, que situação.

Então, essas coisas que a Banda da Lapa com certeza foi e é, continua sendo essa referência muito forte que foi fonte de inspiração para a gente fazer a música “amor eterno”, que fala ali sobre a Banda, cita a Banda do Zé Pereira, a procissão da padroeira, aquelas frases que traduzem um pouquinho disso. É o caso também do Rua de Cima, que é um frevinho. O frevo da Rua de Cima. É interessante porque cita alguns personagens desse lugar que é aquele pedaço que fica entre o salão da igreja, mais ou menos, e o final da rua de cima. A gente demarca ele como sendo da Dona Noemia a Liquinha. A dona Noemia é ali da família do Zito, uma senhora que morou ali a vida inteira. Dona Liquinha, que mora na casa que fica no limite da rua, lá onde já quebra pra sair ali, quase que na frente da Sede da Banda, ali né, voltando pra geral. Então, da Noemia a Liquinha. Ai ele cita, Seu Osmarino e os Falcão. Que também moraram naquele trecho ali, sempre. Na rua de cima. Que as casas ali, elas tem uma parte que fica voltada para rua geral, e os fundos também dão ali para a rua de cima. Então fica, da Dona Noemia a Liquinha, Seu Osmarino e os Falcão. Toda aquela gente ali.”

E tu tens alguma memória afetiva da Banda, do Carnaval ?

“A gente se vestia, como a gente canta no Apito do Agenor, “ vou pedir para minha mãe me emprestar a velha anágua”, que é aquela roupa de baixo que as mulheres usavam, por debaixo da saia. Isso no joga n’agua.

Memórias afetivas da banda são muitas. O Zé Pereira era, pra gente, o ápice das festas de carnaval. Mesmo que depois vinha o carnaval. O carnaval do Ribeirão da Ilha, mesmo, maior carnaval de entrudo, eu acho, do sul do Brasil. De entrudo né, de introdução ao carnaval ou pré-carnaval. Nas festas de pré-carnaval, bloco de sujos, aquela coisa. Acho que a maior festa, que eu conheço. Tanto é que é citado como um dos maiores blocos de carnaval do Brasil. Lembro uma vez uma reportagem passando, inclusive no ano em que a gente fez o Apito do Agenor, na Globo News, falando sobre o Suvaco de Cristo no Rio de Janeiro, o Zé Pereira aqui no Ribeirão - naquela ocasião o Apito do Agenor participou, fizemos o bloco e também a música - e o Peixe Boi no Pará.

Então, o carnaval do Zé Pereira chegava a ser a festa mais importante, mais do que o próprio carnaval. Naquela época, a Banda fazia não só o carnaval do pré-carnaval. O carnaval do zé pereira era chamado de Joga N’água a última festa do conjunto de sábados que antecipavam aquele joga n’água. Tipo assim, o carnaval esse ano é em março, em fevereiro, todos os sábados tinha o zé pereira. Ai nós íamos lá pra freguesia. Vinha gente do sul da ilha todo. Naquela época, o trânsito era outro né. Hoje em dia, infelizmente, em virtude do aumento de carros circulando na rua por exemplo, inviabilizou essa festa. A rua continua sendo a mesma, mas a quantidade de moradores no sul da ilha, de carros, não permite mais fazer aquela brincadeira todos os sábados. Era todo os sábados, a gente ia lá, fazia o trajeto. Saia da sede da Banda. A banda ia até o começo da freguesia, ali mais ou menos onde é a pracinha do Aurélio. Voltava, ia até o final, lá onde começa o asfalto da Costeira. Tinha uma casa lá que já esperava a Banda com a porta aberta. Lá a Banda entrava, tomava uma cerveja. O pessoal confraternizavam ali. Tocavam mais um samba daqueles do bom ali. E depois voltava, ainda, todo mundo acompanhando a Banda até a sede, quando a banda dispersava. E

assim, acontecia todo o mês de fevereiro e culminar com o sábado que antecede o carnaval com o joga n'água, aquela festa maravilhosa, que daí vinha mais gente ainda, e era no domingo a tarde né.

Então o carinho que a gente tem pela banda, admiração. Sempre a Banda fazendo a trilha sonora da comunidade. A banda fazendo a trilha sonora da procissão. Fazendo a trilha sonora do cortejo do casal imperador. Conduzindo o casal até a igreja. Depois a apresentação cultural durante a festa. Aquele momento onde abre-se mais o leque do repertório pra comunidade assistir o que a banda está produzindo. Vai o carnaval...aquelas festas maravilhosas. A memória afetiva da Banda é gigante. A importância dessa coisa que tem a música para dar mais sentido às coisas. Porque se for analisar, seria tudo muito estático se não tivesse a Banda tocando. Pô, imagina o casal imperador caminhando, os foguetes explodindo, tal. E sei lá, o pessoal caminhando. Imagina a memória disso, sem o dobrado tocando. Sem o prato (efeito sonoro), sem o solo. Aquilo ali que dá a verdadeira emoção para o momento. (Regi chora) É muito profundo, não dá pra dimensionar a

coisa. Esse é o poder da música.

Aí outras comunidades, se tu for analisar, elas querem também a banda né. Eu quero a Banda da Lapa na minha comunidade pra fazer a procissão também. Aí vai, porque tem festa do divino em todas as comunidades da ilha. Ela passou a ter que atender todas.

Essa coisa legal, da fusão da força da música branca europeia com a música negra que se deu no Brasil todo, praticamente todo o Brasil, e que também aconteceu aqui, da mesma forma que aconteceu no Rio de Janeiro. Que uniu a força da musicalidade negra com a racionalidade europeia da métrica da música, ou mesmo da harmonia que foi se desenvolver mais na europa. Mas com o swing, o balanço, o molejo da música negra. Que é o que deixa nossa música ainda mais interessante. O que tornou a música da Banda ainda melhor e mais interessante foi exatamente a presença do negro. Se não tocaria só marchinha alemã e os dobrados, algumas outras coisas. Mas não iria ter a sincopa, entendeu? a coisa da ginga, que é elemento da negritude que vai colocar essa pitada de pimenta na música

[...] é isso que difere a gente das Banda de Blumenau, por exemplo [...]é isso, é isso que difere a gente de uma reprodução da Oktoberfest.

Nas procissões, muitas pessoas vão chorando e não sabe o porquê, mas se a banda não tocar, elas não choram. O dobrado tocando gera uma densidade tão grande de emoção que as pessoas derramam lágrimas sem pensar. É muito forte.

As vezes tem turista que vê a procissão com a Banda, se emociona também. É um fato inédito na vida dele. Quer gravar, quer fotografar, quer encaixotar aquilo ali e levar com ele. Quer levar a paisagem, o sotaque, um pastel de camarão, um bate-papo com um morador. Por isso que o Floripa Instrumental acontece aqui e os músicos ficam loucos. Acho que o dia que não tiver dinheiro e convidar os caras pra fazer um som, eles vem sem cachê cara, só pra vir no Ribeirão. Nós vamos dar pra vocês camarão, cerveja e estadia, vocês vão lá fazer um som pra turma? Acho que eles ainda vem.”

DA SILVA, Reginaldo Oswaldo. Suas composições, o carnaval e a importância da Banda da Lapa para a comunidade. Florianópolis, Ribeirão da Ilha. 30 nov. 2018.



Seu Alécio Heidenreich
91 anos, funcionário público, músico e um dos últimos construtores de baleeiras da ilha.
Morou a vida toda no Ribeirão

O senhor pode começar a falar.

“Quando eu era guri, o Ribeirão da Ilha era a metade de hoje, menos da metade de hoje. A gente brincava no meio da estrada, porque não tinha calçamento, era tudo rua de chão. A gente brincava no meio da estrada porque só passava ônibus e era uma vez por dia. Para ir de manhã pro centro e voltava a tarde. Então não tinha mais ônibus. Jogava bolinha de gude, bolinha de vidro como se chamava. Correr, bandeira e caçar no mato, eram as nossas brincadeiras. Hoje eu fico contente, naquele tempo eu era um péssimo acertador né. Acertava nada, o passarinho até ria de mim eu acho. Porque eu atirava uma pelota, eles olhavam, olhavam e não estavam nem aí. Eu tinha uma paixão. Tinha gente que marcava na forqueta - que se chamava, a gente pegava um galho de mato assim (gestos)...chamava funda, estilingue. Na quaresma, naquele tempo, ninguém cantava, então nesse tempo a gente só fazia pelotinha de barro para caçar. Quando chegava Aleluia (referência ao sábado de Aleluia), para nós é uma festa. Ia todo mundo no mato, naquele tempo, descalço. Não sei porque que a gente andava descalço naquela época. Mas eu nunca acer-

tava não.

A primeira banda no Ribeirão surgiu, foi em 1870. Nossos avós se sentavam na calçada para cantar, com caquinho, violão e pandeiro. Então, um dia, um diz assim: 'que bom para a gente criar uma banda'. Aí todo mundo achou graça...criar uma banda...mas ideia foi crescendo. E não sabemos nem onde conseguiram o instrumental, velho já. Então foi criada a Sociedade Musical Amantes do Progresso, em 1870. Mas aí os instrumentos eram velhos, que eles consertavam os buraquinhos com cera de abelha. Aí no fim tinha tanta cera nos instrumentos que o pessoal chamava a Banda da Cera. Hoje se o senhor perguntar lá qual era o nome da primeira banda do Ribeirão, eles vão dizer que era Banda da Cera. Não sabem o nome dela. Aí uma época, a banda não teve mais condição de tocar, nossos avós em uma festa da Nossa Senhora da Lapa, vendo a banda em uma situação difícil né, aí em vez de ajudar aquela banda...não existia fabricação de instrumentos no Brasil, então os instrumentos eram fabricados na Alemanha. Então nossos avós em vez de ajudar aquela, fundaram uma outra, no dia da festa de Nossa Senhora da Lapa, em

1896. Aí fundaram a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa. Hoje tem outro nome.

O instrumental levou 3 meses para vir da Alemanha. 3 meses. Aí quando chegou, a outra banda (Amantes do Progresso) foi prestigiar a chegada dos instrumentos, porque veio da Alemanha e no Brasil não tinha fabricação de instrumentos. Não existia inimizade, era só competição. O Ribeirão ficou com duas bandas: Amantes do Progresso, que chamavam Banda da Cera e a Sociedade Musical Nossa Senhora da Lapa.

Havia muita união entre eles, os músicos. Não havia inimizade. Então nas festas ia sempre as duas bandas tocar. Uma tocava um número, outra tocava outro. Teve uma festa que então, ninguém quis sair primeiro, uma tocava, outra tocava, e amanheceu, anoiteceu, o povo foi se retirando, ficou só as duas bandas tocando a noite toda. Quando chegou de madrugada, se juntaram as duas bandas para ir tomar um café no barzinho. Aí não havia inimizade, era só competição. Amanheceu, as bandas começaram a tocar para a missa e tudo e o povo já preocupado né.

E aqueles que gostavam de um ferrinho iam soprando fogo né. Quero ver quem sai primeiro, quero ver quem sai. Aí veio o que eles consideraram o milagre de Nossa Senhora da Lapa. Um temporal se formou e veio de repente, assim, as duas bandas correram juntos. Aí não teve competição, ninguém correu primeiro, todos correram juntos.

Então, aí, quando chegou em 1950, 1951 parece, essa banda que tinha o instrumental bom era famosa, tocava no interior todo, no estado todo. Mas então, muitas vezes atravessando por mar, que era água salgada, o instrumento não durou todo o tempo, foi estragando. Já tinha fabricação no Brasil. Se reuniram, nós éramos jovens na época né, e a festa foi um tristeza. Acabou a santa missa e o pessoal foi-se embora, pois não tinha banda, não tinha nada. Hoje tem mais incentivo, mas naquele tempo não tinha luz elétrica no ribeirão, não tinha som mecânico, então a festa foi uma tristeza.

Quando chegou de tarde, o pessoal veio para fazer a procissão. Reuniram nossos pais com nossos avós na casa de uma pessoa, que foi meu sogro, eu nem sabia. Ai

reuniram. O Ribeirão que tinha duas bandas não pode ficar sem nenhuma banda. Fizeram essa reunião e ficaram até duas horas da manhã. Tinham que arranjar dinheiro, tinham que arranjar um maestro, tinha que mandar buscar instrumento, consertar os velhos e comprar novo. Tinham que pagar o maestro. Tinham que arranjar hospedagem para os músicos porque não tinha ônibus para voltar né. Conseguimos arrumar tudo. O primeiro maestro foi Brasília Machado, ele era maestro da banda da penitenciária. Então nós começamos nos ensaios teóricos né, três meses depois os instrumentos chegou. Os instrumentos tavam novos. Os pais mandaram comprar para os filhos. E os outros que foram para o concerto. Aí foi uma festa danada. Aí começou as aulas práticas instrumental. Dez meses depois era a festa de Nossa Senhora da Lapa. Aí fomos subir para tocar, nossa primeira tocata. Na frente foi o maestro, para dar coragem para nós que éramos mais moços né. Depois foi os músicos antigos, que ainda existiam. O maestro levantou a batuta, e aí tocou o “ressurgimento”, um dobrado que ele fez em homenagem ao ressurgimento da Banda. Aí foi alegre, palmas, choros, de tudo né. O povo dizia, não vamos mais deixar a banda acabar. A banda tinha unifor-

me, tinha músicos, tinha instrumentos, tinha tudo.

Graças a Deus essa Banda está aí até hoje. Cada vez melhor. Naquele tempo a música que a gente tocava era valsa, samba, bolero, dobrado, baião, essas músicas assim que o povo gostava né. Hoje o conhecimento deles é bem maior de que o nossa daquela época. Porque tocam reggae, tocam isso, tocam aquilo. Tem computador. Todo mundo tem computador em casa, é mais fácil de aprender a estudar. Então a Banda continua cada vez melhor. Sempre dizia para os rapazes: hoje vocês são aprendiz, amanhã vocês são maestro. Vai ter que ensinar para os outros tudo que aprenderam. E assim foi a minha função. Foi ensinar, ensinar, ensinar tudo que eu sabia. Quando eu não sabia, vinha aqui no exército pedir ao maestro, esqueci o nome dele, para ir lá no Ribeirão ensinar os aprendizes. Mas eu também aprendi. A banda continua até hoje. (...) Graças a Deus ela vai fazer agora 122 anos. Não a que eu comecei. Aquela que os meus avós fundaram, 1896. Essa foi a história da Banda.”

HEIDENREICH, Alécio. **O Ribeirão da Ilha e suas Bandas**. Florianópolis, casa do entrevistado. 21 jun. 2018.



Nereu do Vale Pereira
91 anos, professor, dono do Museu do Ribeirão

Pode começar Professor.

“Convém de início registrar que todos os contatos europeus com a ilha de Santa Catarina desde 1500, foram contatos com exploradores espanhóis, não foram os portugueses. A Enseada de Brito, como a região da Tapera e da Caieira da Barra do Sul, eram áreas indígenas, tanto a questão da Enseada de Brito que é uma comunidade de terra firme, como eles chamavam, junto ao rio Maciambu, e as comunidades indígenas que haviam na ilha de Santa Catarina, que tinham por centro de referência o local onde hoje se chama Tapera, era chamado o Sítio do Caiacanga-Mirim. Que era o nome que tinha. Então todos os contatos com os primeiros europeus nesta região foram com os índios destas duas regiões, das comunidades guarani. Então são os dois pontos mais antigos da ilha de Santa Catarina.

No entanto, só a partir de 1515, final do ano de 1515, começaram a se fixar alguns espanhóis, tanto na ilha como na enseada de Brito. O rio Maciambu era tomado como uma referência a parte continental. O rio Maciambu é um rio relativamente caudaloso, e comunidade huma-

na nenhuma se organizou fora de onde tem fluxo de água doce.

Na ilha de Santa Catarina, ela existe caudal d'águas como tem no caso o rio Maciambu. Então o riacho do sul da ilha mais expressivo era o chamado ribeirão, cuja a foz fica ali onde chamamos de Canto do Rio. Pro lado sul tem a cachoeira da Caieira e tem o rio Caiacanga-Mirim que fica na comunidade onde hoje se chama Tapera. São dois pontos onde tinham água doce razoável. Além disso, a tapera tinha ainda bastante proximidade com a saída do riacho Ribeirão. Então todos os europeus que chegaram na ilha depois de 1515 tiveram como contato os índios que moravam nestas duas áreas, Caieira e Caiacanga-Mirim.

Não sei se tu sabes, Caiacanga-Mirim e Caiacanga Sul, já ouvistes falar nestas duas expressões? Já, são pontas né, são pontas com estilo de polvo ligado a terra né, o braço do povo ligado a terra. Caiacanga-sul é aqui embaixo e caiacanga-mirim é menor, a ponta onde tem a Tapera. Então formava aqui, junto com a Enseada de Brito, uma área de circulação entre continente e a Ilha de Santa Catarina.

Os primeiros habitantes a se fixar na ilha foram o resultado de um naufrágio de uma embarcação que pertencera a João Dias de Solis, foi um português que descia o atlântico. Ele teve um contrato com a coroa espanhola de explorar uma possível passagem para o pacífico, antes de Fernão de Magalhães quando descobriu lá na Patagônia. Eu to falando de 1515, e a Patagônia, lá no Estreito de Magalhães, vai ocorrer em 1520. Então esse Solis recebeu um contrato que ele tinha que ir descendo a costa sul da América, vendo se havia alguma possibilidade de alcançar o oceano pacífico.

Os espanhóis tinham as suas terras voltadas da amazônia para cima. Então da Amazônia para cima, o rio amazonas já era conhecido também pelos espanhóis, não havia nenhuma passagem para o pacífico. No México eles encontravam muitas dificuldades também, então se encontrassem uma passagem via aquática, facilitaria sob maneira. Eles percorreram toda a costa da América e só foram encontrar possibilidade lá na Patagônia, no sul da América do sul.

Então esse navegador português, contratado pela Espanha, João Dias de Solís, que na Espanha recebeu o nome de Juan Diaz de Solís, foi quem recebeu essa incumbência, contrato que ele assinou em 1514. Ele saiu Europa em 1515. Chegou aqui ainda em 1515, final de 1515. Assim que ele adentrou o rio Uruguai, a bacia do Prata, na época não tinha uma denominação específica, sei que eles entraram pelo rio, na tentativa de encontrar uma saída pro lado de lá do Pacífico. Acontece que logo nessa primeira entrada ele foi morto pelos índios. Evidentemente, ficou talvez jogado em cima dos peixes para acabar com o corpo dele, ele ficou por aqui. E os sobreviventes da sua tripulação começaram a retornar. Um relato que desconfio que não seja verdadeiro, seja uma criação para justificar a decisão que vieram a tomar, quando chegaram aqui no sul da ilha de Santa Catarina, junto a praia que chama Naufragados, eles tentaram ficar na ilha. Tentaram saltar em terra e começaram a explorar a região do sul da ilha. Eram ao todo 19 espanhóis.

O livro que escrevi agora por último, chama-se Far-

pas de Acorianópolis, fala sobre estes 19. Uns foram para Enseada de Brito e outros ficaram aqui na ilha de Santa Catarina e foram fixar residências justamente onde hoje é a Tapera. Ramirez, o nome do outro agora, daqui a pouco solto o nome dele, um deles casou-se com a filha do cacique e resolveram ficar morando aqui. Então foi a primeira população da ilha de Florianópolis e se localizaram em Caiacanga-mirim, hoje Tapera. Nisso então nasceu o início do Ribeirão da Ilha.

O que nós chamamos hoje de freguesia, tanto a Enseada de Brito como no Ribeirão da Ilha, só vão surgir depois com a chegada dos açorianos, depois de 1750. Antes a comunidade ficava na Enseada de Brito, que não se chamava Enseada de Brito, era o sítio Guarani, e a Tapera. O nome Tapera já existia. Os índios já davam esse nome de Tapera. Tanto que o cacique dali chamava-se Topovera, talvez a influência do nome Tapera. Tapera é uma casa sem acabamentos, rústica vamos dizer assim. Habitação rústica. Então esse foi o início do que seja o Ribeirão.

A freguesia, ou mesmo o povoamento de naufraga-

dos só vem muito recentemente. Naufragados hoje ta cheio de gente. Mas a 15 anos atrás tinha meia dúzia de gente lá. A Enseada de Brito teve um pouquinho mais de desenvolvimento porque era forma de acessar o continente. Não havia outra forma de acessar o continente.

O contato com os índios, os índios guarani, tinham por prática fazer movimento de ida e vinda do pacífico ao atlântico. Por terra a pé ou a cavalo. Ao que se apura das lendas e crendices indígenas guarani, eles diziam que saiam do sol poente para vir ao sol nascente. Do pacífico para o atlântico. O nascente para eles era aqui na ilha de Santa Catarina. E com isso eles também receberiam as bênçãos do sol nascente.

Um desses naufragos de Solis, que ficou aqui e foi morar na Enseada de Brito. Há uma referência, ou uma lenda, de que esse também casou-se com uma índia. Chamava-se Aleixo Garcia. Casou-se com uma índia lá na enseada de Brito. Era só Enseada, não tinha Brito. E teve filhos e tudo, se destacaram aqui na comunidade mais tarde. Esse Aleixo Garcia quando ficou sabendo desse movimento dos

índios, daqui para o pacífico e voltar. Ele então foi com um grupo de índios até o pacífico, mas na volta ele foi abatido no Paraguai. Não chegou de volta pra casa. Ficou por lá no caminho. Ele escreveu uma carta para a Espanha, em 1524. Há uma outra carta de um amigo dele, chamado Luiz Ramirez, escrita em espanhol em 1528, onde relata como eram as comunidades aqui.

No livro que eu escrevi “A ilha de Santa Catarina - 500 anos”, eu tenho a carta desse espanhol, escrita em espanhol e publicada no livro. To reportando a movimentos que indicam os primeiros povoamentos indígenas na ilha em 1515. 500 anos atrás. Naturalmente que essa comunidade e a carta do Ramirez despertou uma preocupação da coroa espanhola pela região. Veio a expedição de Sebastião Caboto em 1525, ficou aqui até 1527. Em 1526 ele batizou a ilha com o nome de Ilha de Santa Catarina, no lugar que é tapera hoje. O nome Santa Catarina é um dos nomes mais antigos do Brasil, e que ninguém comemora, ninguém faz referência. E ninguém fala em Sebastião Caboto, que foi quem batizou a ilha com esse nome. É uma

estupidez. Eu tenho feito alguns movimentos para ter um movimento ali na tapera, uma praça, um monumento do Sebastião Caboto, que foi responsável pelo início do povoamento na ilha de Santa Catarina. Ele batizou a ilha para ser uma possessão espanhola e não portuguesa.

Agora você ve que encrenca que ele criou com a coroa portuguesa. Porque pelo tratado de Tordesilhas a ilha deveria pertencer a Portugal e não a Espanha. Essa discussão vai resultar num movimento militar em 1777, onde os espanhóis invadiram a Ilha de Santa Catarina, tomaram militarmente a Ilha de Santa Catarina. Mandaram para cá franciscanos para fazer catequese com os índios, organizaram um colégio para os índios aprenderem o português. Foi então um movimento muito forte da presença dos espanhóis. Já tinha quase que uma centena de moradores espanhóis nesta região (Tapera). Então esse foi o início do povoamento europeu da Ilha de Santa Catarina e da Enseada de Brito.

A Enseada de Brito só vai ter esse nome em 1674, 1675, não sei a data específica, mas é depois que Francis-

co de Brito Peixoto veio para cá na Ilha de Santa Catarina. Dias Velho chegou em 1673 aqui na ilha. Ou seja, dois anos depois de Dias Velho. Com a missão de procurar mais área para começar uma outra comunidade portuguesa, em terreno que é disputado com a Espanha. Onde é que ele foi arrumar? foi arrumar em Laguna, fundando Laguna em 1678. Em 1675 ele se fixou na Enseada de Brito. Como ele é Antonio de Brito Peixoto, lá ficou a fazenda do seu de Brito. O nome é de Brito. Enseada de Brito e não Enseada do Brito. Isso já é praticamente mais de 100 anos depois da chegada dos espanhóis aqui.

A chegada desses portugueses implicou, eles fundando Laguna, implicou em atritos constantes entre os espanhóis e os portugueses que chegaram. Existe uma versão que Dias Velho foi morto, em 1679 aqui na Ilha de Santa Catarina por piratas ingleses, eu não sei até que certo ponto isso é verídico. O que eu suponho é que eram navios espanhóis, que queriam acabar com o povoamento que tava na ilha de Santa Catarina. A Espanha queria a ilha.

Esses são os primeiros aglomeramentos humanos

na ilha e é o porque que o Ribeirão da Ilha tem importância humana e histórica. Ele foi todo o centro do povoamento da ilha de Santa Catarina por europeus. A sede, a base foi aqui no Ribeirão da Ilha.

A freguesia de Nossa Senhora da Lapa vai surgir em 1750, com a organização do povoamento açoriano no sul do Brasil. A vinda de açorianos para a ilha. O governo local escolhia alguns locais da ilha para mandar 60 casais. Quando chegassem, ficavam no centro da ilha, em Nossa Senhora do Desterro. Depois de um tempo de estarem se recuperando da viagem, viagem muito longa e estarem adaptados. Eles eram remanejados para comunidades. Era essencialmente provindos da Ilha São Jorge, Faial. O grosso era da ilha de São Jorge. Os 60 casais que chegaram em 1750 na ilha se situaram, antes de quem entra para a tapeira, ali no Canto do Rio. Naquela área ali eles ficaram acampado. Botaram o nome de sítio do Simplício. Talvez fosse o homem que tinha a primeira casa ali. Aí que os açorianos chegaram e ficaram ali. Começaram a se espalhar pelo lugar onde hoje se chama Barro Vermelho. Começaram a fixar residências por ali. Não tem ainda a freguesia ou o

local escolhido. Eles escolheram ali até um local para fazer uma capela de Nossa Senhora da Lapa, que é a primeira capela é de 1760. Onde eles contruíram uma capela e botou uma imagem de Nossa Senhora da Lapa, que tinham trazido com eles.

Cada comunidade portuguesa devia receber um traçado urbano, uma organização planejada pela coroa. A coroa encaminhou as diretrizes para um aglomerado urbano que era mais ou menos padrão. Escolhia um lugar para uma praça. Numa das faces poria a Igreja. Ruas a cordel, atravessando. As casas juntas a praça em organização geminadas. Previsão régia de 9 de agosto de 1747, ela descreve como desenhar. É o desenho que tem a comunidade do Ribeirão, da enseada de Brito. Uma praça, a igreja e as casas. Foi tudo previsto pela coroa portuguesa.

Essa comunidade começou a ser, em 1758 com a igreja, as ruas a cordel. Mas ela só foi ser benta em 1803 quando se rezou a primeira celebração e consagrada em 1806, que é a data que tem na igreja. 9 de fevereiro de 1806. Aí então recebeu o título de freguesia. Porque freguesia?

o que quer dizer freguesia? Freguesia é uma comunidade que tem uma estrutura paroquial. Paroquia na terminologia romana de igreja. Freguesia na terminologia da legislação portuguesa. Paróquia e freguesia é a mesma coisa. Refere-se a mesma área e a mesma disposição urbanística. Veja que esse traçado urbanístico da freguesia se repete na enseada de Brito, em São José da Terra Firme, São Miguel, Era os traçados que eram fixados pela coroa portuguesa. Isso foi importante porque deu um status maior ao Ribeirão da Ilha. Santo Antonio também tem esse traçado. Santo Antonio começou em 1748. Ribeirão é de 1750, porque aqui já tinha uma comunidade organizada, era o sítio do simplicio, já tinha um povoado com umas 100 pessoas mais ou menos. Então os açorianos chegaram aqui, eram mais ou menos uns 300 habitantes e que organizaram a freguesia.

Então costumo dizer que preservar a estrutura urbanística do Ribeirão da Ilha, a sua arquitetura ainda possível de ser preservada, com algumas referências do século XIX, século XVIII e XVII não existe mais nenhuma. Porque ela é um valor cultural mais importante para a colonização europeia na ilha de Santa Catarina. Porque é a primeira co-

munidade, os traçados originais. Porque Santo Antônio de Lisboa já não tem mais esse traçado configurado como tem o Ribeirão, com as ruas a cordel, hoje ele já está bastante desorganizado a estrutura urbanística.

Então realmente o Ribeirão é que preserva, mas acontece que os poderes públicos não se despertam, tem que fazer uma estrada tirando o movimento de carro pesado do centro da freguesia, porque aquelas construções têm alicerces superficiais, estão sendo tudo ruído com o movimento e passagem de carro pesados, ônibus, cargas de qualquer maneira. Tô a mais de 15 anos lutando com a prefeitura para fazer uma via de contorno da freguesia. Para a freguesia só entrada de moradores, com um complexo de movimentação turística, estacionamento por trás da igreja, para os visitantes poderem chegar, estacionar e ter um tipo de transporte interno, pode ser até com carruagem com cavalo, trazendo as pessoas para os restaurantes, para visitar a freguesia. Isso causa um impacto importante para o desenvolvimento turístico baseado na cultura do Ribeirão da Ilha. E no entanto o que que fazem? eu mando minha proposta para os últimos 8 prefeitos que foram candidatos, eu

mandava uma carta nesse sentido para cada um, o último ainda tenho ali a carta guardada. Ele respondeu alguma coisa pra ti? nem pra mim, muito menos pra mim.

E assim está se perdendo o patrimônio. Hoje o número de edificações importante no Ribeirão, 50 % desde 1950, quando eu comecei a pesquisar o Ribeirão, 50% desapareceram. Tem só uma metade que ficou por aí. Ou seja, eles modificam fachada, modificam estrutura de janela, fazem acesso para veículos sem nenhum critério arquitetônico nem urbanístico. Então fica tudo fora e jogada ao ar. A própria característica da freguesia, como aconteceu em Santo Antônio de Lisboa desaparece. Se não há uma política centrada nessa tentativa de preservação, vai desaparecer também o Ribeirão daqui a 10, 15 anos.

Em 1970 eu estava muito preocupado com a derubada de edificações no Ribeirão da Ilha, no centro da cidade. Não é bem 1970, é 1968. Escrevi uma carta para o então prefeito Acácio Garibaldi Santiago, que eu chamei de projeto de turismo cultural no Ribeirão da Ilha. E nessa carta eu também sugeri ao prefeito de baixar uma lei sobre

a preservação do patrimônio cultural, histórico, paisagístico e natural do município de Florianópolis. Ele pediu que eu redigisse a lei, eu redigi. Essa lei foi encaminhada em 71. O projeto foi sancionado já pelo prefeito Nildo Severo da Costa, o prefeito que assumiu na época do Colombo Salles, então ele resolveu montar esse serviço do patrimônio. Eu fui e integrei esse conselho, era um conselho que era multiprofissional, não eram só de arquitetos, porque não tem sentido uma cultura que é multifacetada ter apenas um profissional. Hoje é praticamente só arquiteto que tá na comissão técnica do serviço de patrimônio municipal. Cadê geógrafo? , cade historiador?, cade sociólogo?, cade um de direito para ver as questões pertinentes ao direito? Então a nossa comissão prevista na lei inicial propunha que houvesse representantes de cada uma dessas áreas do conhecimento. Evidente que não se pode desprezar, é fundamental precisar de um arquiteto, mas é preciso de um advogado, de um ecologista, um sociólogo talvez, um historiador né. Então a lei é todo o contexto da lei como também a organização da estrutura. Já ouviu essa sigla (?) conselho técnico do patrimônio histórico e artístico natural do município de Florianópolis. Essa sigla foi eu quem criei,

tá na lei. Na lei que eu sugeri. Mas na verdade esse serviço, os prefeitos, especialmente Dário Berger, Cesar Souza e agora o Gean Loureiro estão colocando no lixo as pessoas que estão neste setor. Não tem nenhuma atenção. Quando o César Souza assumiu a prefeitura, eu não só fui pra ele e falei sobre essa questão do ribeirão, questão da estrada. Ele se mostrou muito interessado. Em uma audiência pública aqui no Ribeirão, voltei a levantar em uma assembleia. No plano que foi aprovado pela câmara consta essa minha proposta. O plano urbano do município de Florianópolis. Já foi votado na câmara, agora é pra ser implementado né. Tem essa proposta registrada né, mas quem é que toma iniciativa de fazer alguma coisa? ninguém. Eu não sei se a minha palavra é fraca ou se os outros são muito fraco de cabeça. (risos)

Eu venho me dedicando ao estudo do Ribeirão a partir de 1950. Eu não sou nascido no Ribeirão, nasci no centro de Florianópolis.”

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Ribeirão da Ilha, sua importância histórica e patrimonial**. Florianópolis, Pousada do Ecomuseu. 14 jun. 2018.



Marilei Maria da Silva
49 anos, professora
Morou no Ribeirão a vida toda, sempre.

Eu já queria começar falando contigo de uma coisa que o Regi falou pra mim, que é: o que seria uma procissão sem a música da Banda ?

“Eu acho que a música, ela traz um tom de humanidade. Quando eu falo humanidade, eu to falando que a emoção é algo humano, é inerente do ser humano. É algo que não pode ser mensurado nem controlado, enfim. Quando você tá numa procissão, e você está fazendo aquele percurso, que é um percurso meditativo, que estabelece um diálogo contigo mesmo. A procissão tem os momentos, por exemplo, em que a gente reza uma oração coletiva. Ai aquilo parece ser coletivo, mas a maior parte dela, seu objetivo é fazer esse percurso meditativo, que é uma conversa contigo mesmo. Quando tu faz essa conversa escutando a música, me parece que tu consegue chegar mais perto de ti e quando tu chega mais perto de ti, tu chega mais perto de Deus. Quando mais nos aproximamos da essência que é a gente, mais a gente se aproxima de Deus.

Acho que a Banda - claro, tem um lance que é cultural também, porque você vai escutando, ano após ano as

músicas, que não variam tanto, pelo menos na minha história de lembrança da Banda, desde que eu tinha 10 anos, e hoje tenho quase 50. Então, tenho uns 40 anos escutando procissão. E aí as músicas não mudaram tanto, pelo menos algumas permanecem e dão o tom para aquela temática da procissão. Procissão do Senhor Morto tem um tom. Procissão do cortejo do divino tem outro tom. Procissão de Corpus Christ tem outro tom. Procissão de Nossa Senhora da Lapa tem outro tom. Então, a música, ela primeiro te conecta com aquela temática da procissão. Ela te faz cada vez mais sentir aquilo que é a proposta daquela procissão. Vou dar um exemplo: quando a procissão do Senhor Morto que começa (Marilei solfeja o dobrado fúnebre Echo). Quando a Banda começa a tocar isso, é como se ela fizesse essa ponte entre o que é exterior, tudo que estamos olhando, dos rituais e de tudo, e o que a gente sente por conta daquele tema. Cristo morto, conduzido pelo cortejo. (A música) ela consegue fazer essa conexão, entre o que é externo e a nossa essência. E aí, eu acho que a gente consegue ser mais intenso. Viver aquele momento de forma mais intensamente, mais verdadeira, eu diria até mais próxima de Deus, porque quando a gente se interioriza, nos aproximamos de

Deus.”

E sobre ficar com o Patrimônio, o exemplo de ingleses e ribeirão:

“Eu sempre falo disso, dos Ingleses e do Ribeirão, porque eu li uma pesquisa uma vez, de uma professora aqui da UFSC, que ela queria ver essa coisa de qual das comunidades mantiveram as raízes da sua colonização, no caso a colonização açoriana. E aí, ela faz um estudo de caso com um grupo do Ribeirão, um grupo de jovens, que inclusive era da Igreja, e um grupo dos Ingleses. E aí, o que acontece? ela percebe que, por exemplo lá no Ribeirão, a população consegue manter mais a tradição, aquilo que foi passado de geração em geração e que nos Ingleses isso se perdeu. Ela avalia que isso acontece, e eu concordo com ela, porque no Ribeirão, as pessoas que moram hoje no Ribeirão, em boa parte do Ribeirão, principalmente na parte mais histórica, são filhos e netos de colonizadores. O patrimônio vai passando de geração em geração. Quando você mantém aquilo, o lugar, a casa, de alguma forma tu está mantendo a cultura que veio com essa família tam-

bém. Quando tu vê o que aconteceu nos Ingleses, as casas ali perto da orla, que representavam um pouco mais dos aspectos culturais do lugar, foram vendidas e o povo nativo foi se afastando do litoral, foi se dispersando. Então o fato de no ribeirão, hoje ainda as famílias que moram lá, são aquelas que são proprietárias historicamente das casas desde muito tempo, isso dá um tom de preservação, de desejo, de valorização da cultura, fazendo com que isso não se perca. E a Banda, ela também acaba trazendo para si um pouco disso, porque ela foi criada neste lugar, que é banhado por essa cultura, que veio dos antepassados, mas que foi sendo mantida pelas gerações que foram vindo. Talvez uma Banda com essa característica não se mantivesse se o lugar, o espaço geográfico fosse sendo renovado por pessoas que não tivessem ligação nenhuma com a cultura.”

Era bem isso que eu queria escutar !

Eu acho que sim!

Pra fechar, tu tem alguma memória afetiva da Banda ?

“Várias. Então, por isso que eu digo, que o fato da Banda só se dá, e isso tem a ver com o que acabamos de falar, como é uma Banda que nasceu num berço cultural forte, que se manteve e ainda se mantém. As músicas marcavam determinados momentos. Eu vivi uma época em que o lazer do Ribeirão, ele se misturava com as festas religiosas e com o Zé Pereira. A gente tinha, por exemplo, no calendário do ano, começava com o Zé Pereira, depois passava pela Festa da Divino, pela Festa da Lapa. Então, esse calendário é marcado, de modo muito pontual também pela passagem da Banda. Então por exemplo, o Zé Pereira, como era na minha época de adolescência, é uma memória afetiva, aquilo ali marcava as férias e era o momento de lazer para além do âmbito religioso. Também alavancado pela Banda. Então, naquele momento não era nada ligado a igreja, era um lazer que tinha como fundo musical da Banda. Então algumas músicas do Zé Pereira, que hoje não escuto a Banda tocar, mas que se tocar, eu vou me transportar para aquela época. Eram todos os sábados e domingos com o Zé Pereira. Então é uma memória desse tempo meu, de adolescência. Fora toda a questão religiosa, que pra mim é muito forte. Minha vida tem essa presença

constante nas festas da Igreja.”

SILVA, Marilei Maria da. A Banda da Lapa e sua participação em procissões religiosas. Florianópolis, Escola de Aplicação da UFSC. 03 dez. 2018.

Caderno de Introdução ao Projeto de Graduação
Arquitetura e Urbanismo - UFSC
Aluno: Artur Hugo da Rosa
Orientador: Dalmo Vieira Filho

Imagens: acervo pessoal, acervo da Banda da Lapa,
Carolina Arruda e Daniel Choma

Fontes Palatino Linotype, corpo 11 e títulos 14.

Impressão na gráfica Unicopy, miolo *offset* 90g



REGISTRO DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL PROCEDIMENTOS PASSO A PASSO

RESUMO DO REQUERIMENTO

O requerimento para a instauração do processo administrativo de registro será apresentado pelo Prefeito Municipal, pelas instituições vinculadas à PMF, pelos seus órgãos e colegiados, Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis, pela Câmara Municipal de Florianópolis, associações civis ou pela população geral.

Este requerimento será sempre dirigido à Secretaria Municipal de Cultura de Florianópolis – que o encaminhará à FCFFC.

O requerimento deverá vir acompanhado das seguintes informações e documentos que vão dar o start na instauração do processo de registro:

- 1 – listagem detalhada dos documentos existentes no Requerimento p/ processo de registro do bem cultural;
- 2 – identificação do proponente;
- 3 – justificativa;
- 4 – denominação e descrição sumária do bem proposto para registro, com indicação da participação e/ou atuação dos grupos sociais envolvidos (onde ocorre, ou se situa, período ou forma em que ocorre, personagens simbólicos envolvidos);
- 5 – histórico básico;
- 6 – documentação complementar: fotos, desenhos, audiovisuais identificados;
- 7 – bibliografia de referência;
- 8 – declaração formal dos membros da comunidade produtora do bem, expressando a representatividade, amplo interesse e anuência, na **instauração do processo de registro**;
- 9 – documentação que informe a propriedade do imóvel quando se tratar de registro de lugar.

RESUMO DA INSTRUÇÃO TÉCNICA

A partir da avaliação da pertinência do pedido, será iniciado o processo de registro, produzindo-se com uma documentação ampliada a chamada **Instrução Técnica**, com:

- I – descrição pormenorizada do bem: (sua complexidade, atores, significados, processos de produção, circulação e consumo; contexto cultural específico, circunstância de autoria e propriedade, etc.);
- II – referências à formação e continuidade histórica do bem, suas transformações ao longo do tempo;
- III – espaço, meio físico, paisagem natural, construída e humana onde a manifestação ocorre;
- IV – produção de registros audiovisuais;
- V – reunião de publicações;
- VI – avaliação das condições em que o bem se encontra; riscos à continuidade;
- VII – proposição de ações p/ salvaguarda.

Obs: . Se o proponente não possuir condições técnicas de complementação dos documentos, caberá à FCFFC solicitar ao Conselho Municipal de Política Cultural de Florianópolis apoio ao proponente (inclusive de especialistas autônomos);
. Haverá reavaliação decenal dos bens registrados, mediante critérios específicos.
. Com parecer favorável o bem será inscrito no livro correspondente e receberá o Título de Bem do Patrimônio de natureza Imaterial do Município de Florianópolis e divulgado em Diário oficial;
. **Livros de Registros: CELEBRAÇÕES, SABERES, FORMAS DE EXPRESSÃO, SÍTIOS E ESPAÇOS.**



SOCIEDADE MUSICAL E RECREATIVA LAPA

Rod. Baldicero Filomeno, 7792 – Florianópolis-SC, CEP 88.064-001

CNPJ 79.005.716/0001-31

Reconhecida como de Utilidade Pública por Lei Municipal nº 3.767/92

Ofício nº 01/2019

Florianópolis, 16 de abril de 2019

A Senhora
Roseli Maria da Silva Pereira
Superintendente do FCFFC
Florianópolis/SC

Assunto: **Processo de registro a patrimônio cultural imaterial do bem Sociedade Musical Recreativa Lapa.**

Senhora Roseli,

1. Vimos solicitar o início de instauração do processo de registro do bem Sociedade Musical e Recreativa Lapa como patrimônio cultural imaterial do município de Florianópolis, dentro do conjunto “Bandas Centenárias”.
2. Este ofício acompanha uma série de documentos necessários para o requerimento, como textos, fotos, vídeos, livros, tanto no formato digital e outros impressos. Os documentos digitais estão contidos em um *pendrive*, devidamente organizado conforme a numeração do “resumo de requerimento” dado pela Casa da Memória de Florianópolis.
3. Sem mais, despedimo-nos renovando votos de consideração e apreço.

Atenciosamente,

Artur Hugo da Rosa

Proponente do processo

Membro da Sociedade Musical e Recreativa Lapa

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Recebido: 16/04/19

Ass:



OR 51/SMCEJ/GAB/2019

ter 16/04/2019 17:11

De: SMCEJ/GAB por Eliziane Mara Andretti

Para: FCFFC/GAB

Assunto: CD - CONHECIMENTO

description OR
51/SMCEJ/GAB/2019_1PROCESSO DE REGISTRO A PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DO BEM SOCIEDADE
MUSICAL RECREATIVA LAP**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado (a) para participar de uma pesquisa sobre “A Banda do Ribeirão da Ilha”.

Esta pesquisa faz parte das atividades sendo desenvolvidas na disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina e ministrada pela Prof. Eduardo Westphal com orientação do Prof. Luiz Eduardo Fontoura. Segundo o Art. 1º da Resolução CNS n. 510, de 07 de abril de 2016, “atividade realizada com o intuito exclusivamente de educação, ensino ou treinamento sem finalidade de pesquisa científica, de alunos de graduação, de curso técnico, ou de profissionais em especialização” não será registrada nem avaliada pelo sistema CEP/CONEP.

Este *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* está sendo utilizado dentro das atividades da disciplina de Introdução ao Trabalho de Conclusão de Curso como parte da formação e de forma a prestar informações sobre a pesquisa, deixando claro que a sua participação é inteiramente voluntária, descrevendo os riscos e benefícios, e ajudando você a tomar uma decisão esclarecida sobre sua participação.

Por favor, leia este documento e sinta-se à vontade para realizar qualquer pergunta. Se você aceitar participar desta pesquisa, por favor, assine as duas cópias idênticas deste documento. Uma delas ficará com o pesquisador e a outra é sua.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Meu nome é ARTUR HUGO DA ROSA e eu sou Estudante de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina. Meu projeto de pesquisa é “A Banda do Ribeirão da Ilha”. E nosso objetivo é verificar a importância de entidades ligada à comunidade como patrimônio cultural com base nos conceitos de espaço, lugar e paisagem. Foi escolhido o objeto de estudo localizado na freguesia do Ribeirão da Ilha, por ter em seu núcleo uma sobreposição de tempos históricos, evidentes influenciadores de traços culturais. A entidade escolhida é extremamente ligada à dinâmica social do bairro, a Sociedade Musical Recreativa Lapa.

Se você concordar em participar desta pesquisa, a sua participação será realizada por meio de uma entrevista. A sua participação é inteiramente voluntária e você pode se recusar a responder a qualquer pergunta sem alegar motivo e poderá parar a entrevista por completo a qualquer momento sem prejuízo. Caso aceite participar, a entrevista terá duração aproximada de uma hora e eu gostaria de gravar o seu áudio para futura transcrição. Você pode recusar a gravação sem qualquer consequência. Neste caso, por favor assinale a opção no final deste documento, na próxima página, e eu tomarei notas durante a entrevista.

RISCOS

A pesquisa envolve os seguintes tipos de riscos. Primeiro, esta pesquisa pode fazer perguntas que causem algum tipo de desconforto. De forma a minimizar este risco, você pode se recusar a responder a qualquer pergunta sem alegar motivo e poderá parar a entrevista por completo a qualquer momento sem prejuízo. Segundo, a pesquisa envolve o risco de exposição pública de suas opiniões acerca da importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias. De forma a minimizar este risco, quando os resultados desta pesquisa forem publicados e/ou discutidos em público, a sua identidade e contato poderão ser mantidos sob sigilo, inclusive como forma de lhe preservar de eventuais desconfortos decorrentes da emissão de tais

opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

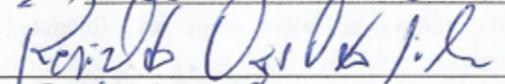
Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.
 permito não permito

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.
 desejo não desejo

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

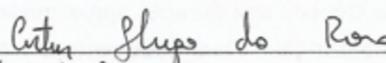
Nome (por extenso): REGINALDO OSVALDO SILVA.

Assinatura: 

Data: 30/11/2018.

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): ARTUR HUGO DA ROSA

Assinatura: 

Data: 30/11/18

opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com o pesquisador responsável Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

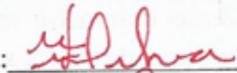
Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.
 permito não permito

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.
 desejo não desejo

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

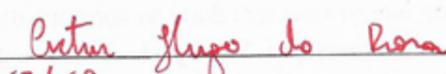
Nome (por extenso): MAURÍCIO DA SILVA

Assinatura: 

Data: 03/12/18

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): ARTUR HUGO DA ROSA

Assinatura: 

Data: 3/12/18

sob sigilo, inclusive como forma de lhe preservar de eventuais desconfortos decorrentes da emissão de tais opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289, Marina Lamin, por meio do e-mail marinalamin@outlook.com ou por meio do telefone (48) 991439187, ou Vanessa Brasil Figueiredo, por meio do e-mail va_brasil@hotmail.com ou pelo telefone (48) 988513131.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.

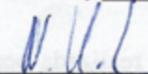
permito não permito

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.

desejo não desejo

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

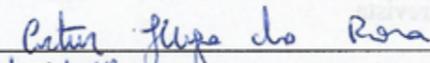
Nome (por extenso): WELINGTON CARLOS CORREA

Assinatura: 

Data: 9/6/18

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): ARTUR HUGO DA ROSA

Assinatura: 

Data: 09/06/18

sob sigilo, inclusive como forma de lhe preservar de eventuais desconfortos decorrentes da emissão de tais opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289, Marina Lamin, por meio do e-mail marinalamin@outlook.com ou por meio do telefone (48) 991439187, ou Vanessa Brasil Figueiredo, por meio do e-mail va_brasil@hotmail.com ou pelo telefone (48) 988513131.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.

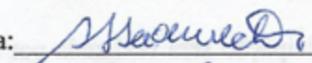
permito não permito

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.

desejo não desejo

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

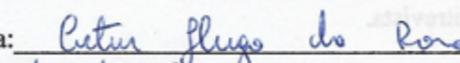
Nome (por extenso): ALCÍO HEICENRICH

Assinatura: 

Data: 21-06-2018

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): ARTUR HUGO DA ROSA

Assinatura: 

Data: 21/06/2018

sob sigilo, inclusive como forma de lhe preservar de eventuais desconfortos decorrentes da emissão de tais opiniões. Isto é, o pesquisador responsável pela pesquisa será o único ciente desta participação. Neste caso, por favor, assinale a opção no final deste documento.

BENEFÍCIOS

A pesquisa envolve benefícios mínimos diretos aos seus participantes. Você não receberá qualquer tipo de compensação financeira ou se beneficiará materialmente pela sua participação. Ainda que inexistam tais benefícios, as informações compartilhadas contribuirão para a produção de conhecimento sobre a importância de entidades abertas à comunidade como patrimônio cultural nas freguesias

CONTATOS

Se você tiver qualquer pergunta, você pode fazê-las agora. Se você vier a ter perguntas ou dúvidas em qualquer outro momento, você pode entrar em contato com os pesquisadores responsáveis Artur Hugo da Rosa, por meio do e-mail arturhugodarosa@gmail.com ou pelo telefone (48) 996228289, Marina Lamin, por meio do e-mail marinalamin@outlook.com ou por meio do telefone (48) 991439187, ou Vanessa Brasil Figueiredo, por meio do e-mail va_brasil@hotmail.com ou pelo telefone (48) 988513131.

CONSENTIMENTO (POR FAVOR, MARQUE AS OPÇÕES ESCOLHIDAS):

Eu fui esclarecido sobre os objetivos, riscos e benefícios desta pesquisa. Ao concordar em participar desta pesquisa, eu concordo em ser entrevistado. Minha participação é voluntária e eu fui informado (a) de que eu posso parar a entrevista ou recusar a responder qualquer pergunta sem qualquer tipo de prejuízo ou consequência.

Eu _____ que a entrevista tenha o seu áudio gravado.

permito *não permito*

Eu _____ permanecer anônimo nos trabalhos resultantes desta entrevista.

desejo *não desejo*

NOME E ASSINATURA DO ENTREVISTADO

Nome (por extenso): _____

Assinatura: *Fernanda Vae Pereira* _____

Data: *11/06/18* _____

NOME E ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Nome (por extenso): ARTUR HUGO DA ROSA _____

Assinatura: *Artur Hugo da Rosa* _____

Data: *11/06/18* _____